

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

CAROLINA SOARES COSTA

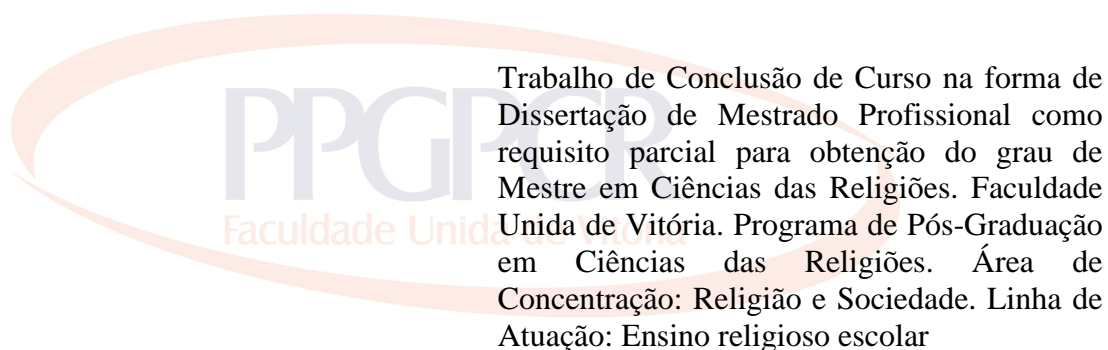


O ENSINO RELIGIOSO E A CULTURA DE PAZ:
UMA VIVÊNCIA DOS CÍRCULOS DE PAZ NO AMBIENTE ESCOLAR DE TEMPO
INTEGRAL DA UMEF REVERENDO ANTÔNIO DA SILVA COSMO

CAROLINA SOARES COSTA

O ENSINO RELIGIOSO E A CULTURA DE PAZ:
UMA VIVÊNCIA DOS CÍRCULOS DE PAZ NO AMBIENTE ESCOLAR DE TEMPO
INTEGRAL UMEF REVERENDO ANTÔNIO DA SILVA COSMO

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 14/12/2022.



Trabalho de Conclusão de Curso na forma de
Dissertação de Mestrado Profissional como
requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade
Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação
em Ciências das Religiões. Área de
Concentração: Religião e Sociedade. Linha de
Atuação: Ensino religioso escolar

Orientador: Francisco de Assis Souza dos Santos

VITÓRIA-ES

2022

Costa, Carolina Soares

O ensino religioso e a cultura de paz / Uma vivência dos círculos de paz no Ambiente Escolar de Tempo Integral UMEF Reverendo Antônio da Silva Cosmo / Carolina Soares Costa. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2022. xi, 79 f. ; 31 cm.

Orientador: Francisco de Assis Souza dos Santos

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2022.

Referências bibliográficas: f. 76-79

1. Ciência da religião. 2. Ensino religioso escolar. 3. Ensino religioso. 4. Cultura de Paz. 5. Círculos de Paz. 6. Paz em ambiente escolar. - Tese. I. Carolina Soares Costa. II. Faculdade Unida de Vitória, 2022. III. Título.

CAROLINA SOARES COSTA

O ENSINO RELIGIOSO E A CULTURA DE PAZ:
UMA VIVÊNCIA DOS CÍRCULOS DE PAZ NO AMBIENTE ESCOLAR DE TEMPO
INTEGRAL DA UMEF REVERENDO ANTÔNIO DA SILVA COSMO

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de
Dissertação de Mestrado Profissional como
requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade
Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação
em Ciências das Religiões. Área de
Concentração: Religião e Sociedade. Linha de
Atuação: Ensino Religioso Escolar.

Data: 14 dez. 2022.



Francisco de Assis Souza dos Santos, Doutor em Teologia, UNIDA (presidente).



Abdruschin Schaffer Rocha, Doutor em Teologia, UNIDA.



Lélia Damasceno de Aguiar Brotto, Doutora em Enfermagem, UFES.



A minha mãe, fonte de força para mudar meu presente e a minha filha, minha fonte de inspiração para um futuro de paz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço as entidades religiosas que me guiam pelos dons que me deram nesta existência que serviram na realização deste projeto.

Gratidão a minha família, em especial minha mãe Alzira, minha filha Alice e minha tia Emília que confiaram, incentivaram e acreditaram que eu seria capaz de superar os obstáculos que a vida apresentou.

Sou grata ao meu orientador, Dr. Francisco de Assis Souza dos Santos por sempre estar presente para indicar a direção correta que o trabalho deveria tomar.

Também reconheço à Universidade Unida de Vitória e aos seus docentes que me incentivaram a percorrer o caminho da pesquisa científica e a FAPES por ter me capacitado nesta pesquisa.





“O mais perfeito ato do homem é a paz. E por ser tão completo, tão pleno, em si mesmo, é o

mais difícil”

Mahatma Gandhi

RESUMO

O presente trabalho aborda como tema principal a educação para a paz. Assim sendo, pretendeu-se responder ao seguinte questionamento de pesquisa: Quais os avanços que a configuração de uma disciplina escolar sobre a Cultura de Paz, trabalhada em parceria com o Ensino Religioso pode ter para o horizonte da educação para a paz? Parte-se da hipótese de que a fundamentação da Cultura de Paz na escola, através da disciplina de Ensino Religioso, permite a reflexão e a implementação de práticas educativas capazes de transformar o ambiente conflituoso em espaço de diálogo, tolerância e respeito. Para o correto embasamento do tema proposto, utilizou-se obras de diversos autores, entre os quais, Almeida (2021); Andrade e Silva (2020); Bicalho (2020); Boonen (2011); Evans e Vaandering (2018); Huff Júnior (2009); Thiollent e Colette (2014); Passeri (2020); Pranis (2010; 2019); Streck (2012); Vicente (2015). O objetivo principal da pesquisa foi de construir um planejamento de curso que visa articular os conceitos da Cultura de Paz na escola com a disciplina de Ensino Religioso bem como promover a execução da proposta assumindo um caráter vivencial e complementar à abordagem reflexiva sobre o tema no Ensino Religioso. No que tange à metodologia, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, por meio da qual foi feita uma busca e seleção de materiais previamente elaborados, tais como doutrinas, artigos científicos, revistas e periódicos. Ainda, utilizou-se a abordagem qualitativa para análise e discussão dos resultados obtidos com o levantamento bibliográfico. Ao final da pesquisa compreende-se que é fundamental proporcionar aos cidadãos a noção da amplitude e complexidade envolvida na edificação de uma Cultura de Paz, principalmente em relação a promover em cada ser um pensamento crítico sobre a sociedade refletindo sobre como essa constitui suas relações permite que, passo a passo suas estruturas sejam aos poucos, modificadas em busca de um mundo mais convivente.

Palavras-chave: Cultura de Paz. Ensino Religioso. Justiça Restaurativa. Círculos de Paz.

ABSTRACT

This paper addresses peace education as the main theme. Therefore, it was intended to answer the following research question: What advances can the configuration of a school discipline on the Culture of Peace, worked in partnership with Religious Education, have for the horizon of education for peace? It is hypothesized that the foundation of the Culture of Peace in school, through the discipline of Religious Education, allows the reflection and implementation of educational practices capable of transforming the conflicting environment into a space of dialogue, tolerance and respect. For the correct basis of the proposed theme, we used works by several authors, including Almeida (2021); Andrade e Silva (2020); Bicalho (2020); Boonen (2011); Evans and Vaandering (2018); Huff Junior (2009); Thiollent and Colette (2014); Passeri (2020); Pranis (2010; 2019); Streck (2012); Vicente (2015). The main objective of the research was to build a course planning that aims to articulate the concepts of Peace Culture in school with the discipline of Religious Education as well as to promote the execution of the proposal assuming an experiential character and complementary to the reflexive approach on the subject in Religious Education. Regarding the methodology, bibliographic research was used, through which a search and selection of previously elaborated materials was made, such as doctrines, scientific articles, journals and journals. Furthermore, the qualitative approach was used to analyze and discuss the results obtained with the bibliographic survey. At the end of the research it is understood that it is essential to provide citizens with the notion of the breadth and complexity involved in building a Culture of Peace, especially in relation to promoting in each being a critical thought about society reflecting on how this constitutes its relations allows, step by step its structures to be gradually, modified in search of a more convivent world.

Keywords: *Culture of Peace. Religious education. Restorative Justice. Peace Circles.*

SUMÁRIO

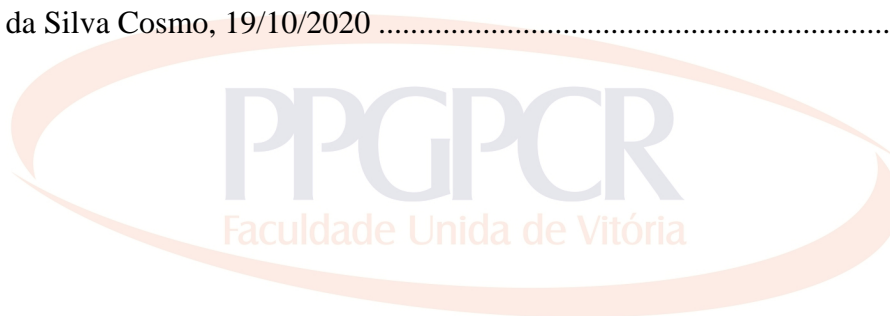
LISTA DE FIGURAS	11
INTRODUÇÃO.....	12
1 CULTURA DE PAZ E EDUCAÇÃO PARA A PAZ.....	17
1.1 O que significa falar da Cultura da Paz na contemporaneidade?	17
1.2 Educação para a paz: um dos desafios da escola.....	20
1.3 O Ensino Religioso e a Cultura da Paz.....	24
1.4 Justiça Restaurativa, círculos de diálogo e educação para a paz	27
2 A EDUCAÇÃO PARA A PAZ NO MUNICÍPIO DE VILA VELHA: ENTRE O PLANEJAMENTO E A REALIZAÇÃO	34
2.1 Elaboração de planos de ensino articulados entre o Ensino Religioso e a disciplina Cultura de Paz.....	34
2.2 Apresentação da proposta e reação dos sujeitos envolvidos	37
2.3 Relato da experiência construída.....	46
2.3.1 Ensino Religioso e a temática da paz: a diversidade religiosa	47
2.3.2 Círculos de diálogo relacionados a conflitos na/da escola: por uma escola em paz	50
2.3.3 Círculos de diálogo relacionados a conflitos extraescolares: por uma comunidade em paz	51
2.3.4 Círculos de diálogos e o autoconhecimento: Os sujeitos em paz consigo mesmos	52
3 AVALIAÇÃO DOS LIMITES E AVANÇOS DA EXPERIÊNCIA A PARTIR DA VOZ DOS DIVERSOS SUJEITOS.....	55
3.1 Instrumentos e técnicas de pesquisa usados para a avaliação da experiência	55
3.2 A parceria entre Ensino Religioso e Cultura da Paz no olhar dos estudantes	59
3.3 A parceria entre Ensino Religioso e a Cultura de Paz para os profissionais da escola	67
3.4 A parceria entre Ensino Religioso e a Cultura de Paz na ótica das famílias	71
CONCLUSÃO.....	74
REFERÊNCIAS	76
APÊNDICE A1: PRIMEIRO ROTEIRO DO PROJETO RENOVANDO O VIVER NA VILA	80
APÊNDICE A2: SEGUNDO ROTEIRO DO PROJETO RENOVANDO O VIVER NA VILA	82
APÊNDICE A3: TERCEIRO ROTEIRO DO PROJETO RENOVANDO O VIVER NA VILA	84

APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	86
APÊNDICE C1: QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA ENTRE ENSINO RELIGIOSO E CULTURA DE PAZ.....	87
APÊNDICE C2: QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA ENTRE ENSINO RELIGIOSO E CULTURA DE PAZ DESTINADO AOS PAIS/RESPONSÁVEIS E PROFISSIONAIS DA ESCOLA	89
APÊNDICE C3:.....	91



LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Reunião inicial <i>online</i> dos círculos de diálogo da UMEF “Reverendo Antônio da Silva Cosmo”, em 02/07/2020	41
Figura 2. Primeiro círculo de diálogo realizado para alunos do 9º ano Escola UMEF “Reverendo Antônio da Silva Cosmo”, em 06/07/2020	42
Figura 3. Segundo círculo de diálogo realizado para alunos do 9º ano Escola UMEF “Reverendo Antônio da Silva Cosmo”, em 25/08/2020	43
Figura 4. Círculo de diálogo para a turma do 8º ano da UMEF “Reverendo Antônio da Silva Cosmo”, em 24/09/2020	44
Figura 5. Círculo de diálogo para a turma do 8º ano da UMEF “Reverendo Antônio da Silva Cosmo”, em 28/09/2020	45
Figura 6. Terceiro círculo de diálogo realizado para alunos do 9º ano Escola UMEF Reverendo Antônio da Silva Cosmo, 19/10/2020	46



INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da sociedade e de seus contextos sociais possui relação com a mudança de paradigma e dos valores inerentes aos indivíduos ao longo do tempo. Os valores que compõem a vida social são resultado de processos históricos que determinam o que se é aceitável ou não na vida em sociedade. Nesse sentido, a contemporaneidade carrega consigo pressupostos intrínsecos que norteiam o modo de agir das pessoas. Por isso, percebe-se que cada vez mais valores de convivência como respeito, educação, diálogo, cooperação e ética são deixados de lado em detrimento da utilização da violência para a resolução dos conflitos que surgem nos relacionamentos entre os seres humanos.

O reflexo da adoção desses valores infere na convivência nos diversos espaços sociais, e dentre eles, a escola se configura então como um espaço em que as atitudes problemáticas de incitação à violência, ao desrespeito e a falta de diálogo acontecem com frequência. As crianças e adolescentes, em processo de constituição psicossocial, muitas vezes buscam se afirmar perante sua comunidade com atitudes negativas as quais são percebidas pela sociedade como uma forma de domínio.

Nesse sentido, o espaço escolar se apresenta como um espaço aberto para que sejam trabalhados valores que possam modificar os pressupostos carregados pela sociedade, levando em consideração principalmente que é composta por sujeitos em formação de caráter. Sendo assim, as experiências e vivências que denotam a importância da Cultura da Paz para permear as relações sociais configuram-se como grande possibilidade de mudança da realidade.

Sobre a temática, diversos autores como Joana Blaney, Petronela Boonen, Kay Pranis, Carolyn Boyes-Watson, Circe Marques e Carlos Wachs, Flávia Piovesan, Vera Candau discorrem sobre os conceitos da Cultura de Paz enfocando sua importância para a resolução dos conflitos e trazendo os princípios da justiça restaurativa, dos círculos de diálogo e da educação para a paz como ferramentas potenciais para que seja criado um contexto educacional onde prevaleça os conceitos do diálogo, do respeito e do perdão.

As concepções levantadas pelos autores citados evocam caminhos possíveis para a construção de uma Cultura da Paz na escola que permite que os alunos e alunas, a partir do empoderamento, sejam capazes de construir relacionamentos saudáveis nos quais a convivência seja pautada em valores éticos e respeitosos, superando atitudes que vão contra a tais princípios a partir do diálogo.

Nesse sentido, a presente pesquisa busca responder ao seguinte questionamento proposto: Quais os avanços que a configuração de uma disciplina escolar sobre a Cultura da

Paz, trabalhada em parceria com o Ensino Religioso podem ter para o horizonte da educação para a paz?

Parte-se da hipótese de que a fundamentação da Cultura da Paz na escola, através da disciplina de Ensino Religioso, permite a reflexão e a implementação de práticas educativas capazes de transformar o ambiente conflituoso em espaço de diálogo, tolerância e respeito. Neste sentido, a disciplina de Ensino Religioso configura-se como um espaço para que tais preceitos sejam colocados em prática criando-se estratégias que visem a condução para um caminho de paz na escola.

A partir de tais concepções, o tema central do presente estudo é a educação para a paz. A construção da pesquisa então possui o objetivo de construir um planejamento que visa articular os conceitos da Cultura da Paz na escola com a disciplina de Ensino Religioso bem como promover a execução da proposta assumindo um caráter vivencial e complementar à abordagem reflexiva sobre o tema no Ensino Religioso. Pretende-se assim criar um espaço a mais dentro do currículo escolar que possa aprofundar as diversas fases da cultura da paz, por meio dos chamados círculos de paz ou círculos de diálogo.

Para a elucidação deste projeto utilizou-se uma metodologia de pesquisa-ação, a qual consiste no levantamento de uma questão bem como a resolução de tal, de modo participativo e envolvendo os diversos atores do contexto estudado. A partir desta concepção, a escola se configura como um ambiente no qual as questões pertinentes à toda a sociedade aflora e se reflete, nesse sentido, há a possibilidade que não só sejam levantadas problemáticas, mas também, construídos meios para solução de problemas. Neste âmbito, segundo Adriana Pereira o professor-pesquisador ensina aprendendo e os alunos/as alunas/as alunas aprendem ensinando.¹

A escolha desta metodologia se deve ao fato que propõe a resolução dos problemas em determinado local, no caso a escola, de modo a inicialmente compreender o ambiente de modo reflexivo e considerando os contextos envolvido e para então propor soluções participativas envolvendo toda a comunidade em questão no intuito de promover uma consciência sobre determinadas situações no sentido de levantar os porquês que levaram a determinado acontecimento e o que se pode fazer para mudar a realidade, fato que ocorre de forma cíclica e exigem constantes reflexões. Sobre a pesquisa-ação destaca-se que:

Quando há a participação de modo democrático, as pessoas são ouvidas e passam a se engajar e se sentirem responsáveis pelos processos e pela resolução conjunta dos

¹ PEREIRA, Adriana S; SHITSUKA, Dorlivete M.; PARREIRA, Fábio J.; SHITSUKA, Ricardo. *Metodologia da Pesquisa Científica*. Santa Maria: UFSM, NTE, 2018. p. 44-46.

problemas. Esse tipo de enfoque é particularmente importante na formação dos professores, uma vez que o tempo nos bancos escolares em cursos de licenciatura ou outros de bacharelado frequentemente se mostram insuficientes para se trabalhar todos os aspectos possíveis, que podem ocorrer em situações práticas do cotidiano escolar, uma vez que a prática do cotidiano é muito mais rica em possibilidades.²

As discussões refletidas ao longo do escopo do estudo assumem uma concepção qualitativa de pesquisa. Essa abordagem distancia-se da ideia de verdades absolutas e propõe a análise crítica fundamentada na compreensão do ser humano como sujeito subjetivo, perpassados por contextos históricos, sociais e culturais. Na pesquisa qualitativa, Elaine Guerra aponta que o cientista se debruça sobre o fenômeno na busca por uma compreensão, assumindo um caráter não passivo e levando em consideração os contextos do que se é refletido. Nesse sentido, propõe uma análise crítica sobre concepções de maneira a construir ideias capazes de transformar a realidade da sociedade.³

Quanto ao ambiente de pesquisa, destaca-se inicialmente o município de Vila Velha – Espírito Santo, o qual possui uma relação de proximidade com a temática do estudo. Em 2016, os Círculos Restaurativos começaram a ser realizados no município, por meio do Programa Reconstruir o Viver, idealizado pela juíza Patrícia Neves, titular da 1ª Vara da Infância e da Juventude. A prefeitura de Vila Velha conta com um Núcleo de Práticas Restaurativas e Mediação, situado no polo Universidade Aberta do Brasil (UAB). Cerca de trinta escolas municipais são contempladas com o projeto, através da formação de mediadores escolares e facilitadores de círculos.

Nessas escolas, há trabalhos pontuais dos professores mediadores e/ou facilitadores, contando até com projetos voltados específicos daquela comunidade para a mediação escolar e círculos de paz. Esses projetos tiveram um impacto fértil e sobre tal, considera-se que a repercussão pode ser ainda maior, pois nas escolas em que o ensino ocorre no tempo integral os estudantes permanecem mais tempo no ambiente escolar permitindo que o professor proponha momentos diferenciados para além das disciplinas obrigatórias da Base Nacional Comum Curricular (BNCC);

Tendo em vista essa abertura curricular do Ensino Religioso na UMEF Reverendo Antônio da Silva Cosmo, realizou-se nessa escola a experiência proposta com a inserção da Cultura da Paz como complementar as discussões já presentes no campo do Ensino Religioso, numa ampliação em um horizonte que articule reflexão e vivência. Assim, são fortalecidos

² PEREIRA; SHITSUKA; PARREIRA, SHITSUKA, 2018, p. 48.

³ GUERRA, Elaine L. A. *Manual de pesquisa qualitativa*. Belo Horizonte: Grupo ANIMA Educação, 2014. p. 10.

espaços e tempos escolares que problematizam a violência e se empenham na construção de outros modelos de ação humana.

Trata-se de Escola Municipal localizada no Bairro Jardim Colorado, no Município de Vila Velha/ES, em área urbana, contando com o oferecimento regular das etapas de Ensino Fundamental, Anos Iniciais e Anos Finais, além de contar com a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). De acordo com o Censo Escolar do INEP do ano de 2021, a escola contava com 580 alunos matriculados nos Anos finais, 85 matrículas no EJA e 58 na Educação Especial e um quadro de 50 professores.⁴

O período pandêmico que acometeu o mundo dificulta e acelera a discussão sobre conflitos de diversas formas e saúde mental dos discentes. Dessa forma, pela dificuldade de não poder obter encontros presenciais, colocou-se inicialmente em prática o sistema virtual, com reuniões mensais online em cada turma, por meio de convites obtendo-se até o momento boa adesão dos estudantes.

O escopo da pesquisa é composto inicialmente por uma revisão da literatura a qual levanta as principais considerações feitas sobre o assunto Cultura da Paz e educação para a paz, trazendo discussões de autores importantes sobre a temática. Abordou-se então no primeiro capítulo os significados da paz na contemporaneidade; os desafios da escola na educação para a paz; o Ensino Religioso e a Cultura da Paz; conceitos de círculo de diálogo, justiça restaurativa e educação para a paz.

O segundo capítulo refere-se às considerações em relação ao planejamento e execução no campo de pesquisa. Inicialmente são apresentados planos de ensino articulados entre Ensino Religioso e a disciplina Cultura da Paz. Após a apresentação dos planos de ensino foram fornecidas as informações referentes a proposta e reação dos sujeitos envolvidos no estudo; relatos do processo; considerações sobre a diversidade religiosa; os círculos de diálogo como fundamentais para que se consolide uma escola, comunidade e sujeitos em paz.

O terceiro capítulo dedica-se à avaliação dos limites e avanços da pesquisa a partir da voz dos sujeitos envolvidos demonstrando os instrumentos utilizados para avaliar o processo de realização dos círculos e o olhar dos estudantes, profissionais e famílias sobre a parceria entre Ensino Religioso e a Cultura da Paz.

Por fim, elucidaram-se as conclusões obtidas com a realização da presente pesquisa. Pretendeu-se com as atividades deste trabalho, conhecer um pouco mais do dia a dia dos estudantes e trabalhar valores como responsabilidade, cuidado, convivência, respeito, amor e

⁴ UMEF REV. ANTONIO DA SILVA COSMO. *Censo Escolar*. 2021. In: QEDU. [online].

amizade e desenvolver a criatividade. Diante das referências estudadas é de infinita importância e fundamental trabalhar, as relações interpessoais nesse período pandêmico, buscando um convívio mais humano entre todos da comunidade escolar, e nesse sentido, a temática da presente pesquisa se justifica e explora uma temática essencial para futuros estudos.



1 CULTURA DE PAZ E EDUCAÇÃO PARA A PAZ

Neste capítulo, será realizada uma revisão bibliográfica para fundamentar as práticas propostas para o projeto na Escola UMEF “Reverendo Antônio da Silva Cosmo”. Para a elaboração de experiências que sejam transformadoras para a sociedade, é necessário primeiramente um embasamento teórico condizente com a temática e que forneçam subsídios para que o estudo se torne efetivo. Assim, neste caso, inicialmente foram levantadas discussões que denotam o significado e importância da Cultura da Paz para a sociedade, bem como quais são os pilares para consagração desta, ou seja, quais são os princípios que a norteiam. Nesse sentido, a relação da Cultura da Paz com os constituintes da justiça restaurativa, círculos de diálogo e educação para a paz se fazem extremamente necessários e são termos que sustentam as propostas definidas pela pesquisa.

1.1 O que significa falar da Cultura da Paz na contemporaneidade?

Para se discutir a Cultura da Paz, inicialmente é necessário entender as concepções atreladas ao próprio sentido de cultura a qual se pauta a forma como os atores inseridos em determinada comunidade permeiam suas relações através dos conflitos que regem a sua convivência ao longo da história. Nesse sentido, para Suzana Ribeiro, Maria Ribeiro e Lúcio Tunico a cultura é permeada pelos modos de agir da sociedade em um movimento cíclico de ação e reação que ocorre constantemente, na busca por uma adaptação dos grupos sociais aos valores constituídos durante o tempo.⁵

A cultura, portanto, encontra-se relacionada ao contexto no qual está inserido o indivíduo. Nesse sentido, a violência é um fenômeno cultural que impacta profundamente as relações sociais dos seres humanos desde os primórdios. Para Ana Bastos, problemas causados pelas dificuldades relacionais que desencadeiam episódios de guerrilhas emergem nos diversos espaços de convivência dos sujeitos, sejam nos ambientes de trabalho, escolar ou dentro dos próprios lares fazendo com que esta situação resulte em conflitos que prejudicam veementemente a vida em sociedade.⁶

⁵ RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. RIBEIRO, Maria Teresa de Moura; TUNICE, Lúcio Mauro da Cruz. A Influência da Cultura e do Clima Escolar na construção e fortalecimento da Cultura de Paz. *Revista Educação, Cultura e Comunicação*, v. 9, n. 17, p. 309-320, 2018. p. 312.

⁶ BASTOS, Ana C. S. Prefácio. In: MILANI, Feizi Masrouf; JESUS, Rita de C. D. P. (Orgs.). *Cultura de Paz: Estratégias, Mapas e Bússolas*. Salvador: INPAZ, 2003. p. 9.

Os valores culturais mantidos pela sociedade ao longo da história denotam sobre uma valorização da violência e do conflito e, nesse sentido, a situação de paz configura-se somente como um período entre guerras. Diante disso, a construção de uma Cultura da Paz significa justamente uma contraposição a este paradigma conflitante, entremeando nas relações sociais a paz como princípio governante e infringindo transformações condizentes com tal perspectiva.⁷

Leila Dupret destacava a conotação negativa que é atribuída ao significado do termo paz, a qual é entendida como “um estado de não-guerra”, ou seja, um período em que não há conflitos, tornado o termo vazio e sem um sentido próprio e que por este fato se torna utópica quanto sua concretização cultural na sociedade. A autora aponta, então, como contraponto, a essencialidade de se utilizar a concepção positiva do significado de paz, o qual está associado à resolução de conflitos a partir do diálogo e de um movimento de cooperação e justiça.⁸

O enraizamento da violência nas relações estabelecidas pela sociedade é resultado de um longo processo sócio histórico. Comportamentos violentos estão associados diretamente a uma tentativa de demonstração de superioridade e conota a defesa de interesses pessoais. Por ser caracterizado como um comportamento polissêmico, que pode ocorrer em diversas situações e níveis além de apresentar diferentes agentes determinantes, configura-se como problema de grande complexidade para a sociedade.⁹

O contexto brasileiro apresenta um aumento cada vez maior no número de atos de violência de todos os gêneros, fazendo com que se passe a acreditar no ser humano como um ser com predicados de maldade e crueldade. Sobre isto, é importante ressaltar que as pesquisas com relação à questão apontam com muita veemência que esta realidade não é uma característica biológica do ser humano, e sim uma construção histórica e, nesse sentido, é passível de desconstrução, o que ocorre principalmente por meio da educação.¹⁰

A Cultura de Paz, então, necessita de um grande esforço no sentido de prezar pela alteração da consciência dos seres humanos, o que implica inicialmente na própria desconstrução de falas pautadas somente pelo viés da violência¹¹. Nesse sentido, a própria mídia é responsável por edificar tais situações de violências, dando a elas uma grande

⁷ MILANI, Feizi Masrour; JESUS, Rita de C. D. P. *Cultura de Paz: Estratégias, Mapas e Bússolas*. Salvador: INPAZ, 2003. p. 31.

⁸ DUPRET, Leila. *Cultura de paz e ações socioeducativas: desafios para a escola contemporânea*. 2002. p. 91. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 6, n. 1, p. 91-96, 2002. p. 91.

⁹ MILANI, 2003, p. 33.

¹⁰ MILANI, 2003, p. 34.

¹¹ DUPRET, 2002, p. 91.

representatividade e como já referido, criando uma sensação de que ela é inata aos seres humanos.¹²

Portanto, faz-se necessária a criação de um cenário voltado à Cultura da Paz, o qual deve se tornar intrínseca aos valores da humanidade. Leila Dupret então discorre que o primeiro passo no caminho para a construção de um ambiente de paz é pautado na resolução de conflitos a partir de valores de convivência pacífica, a qual é uma missão atribuída a todas as esferas, visto que situações conflituosas configuram um processo que é natural e essencial na constituição das relações entre os sujeitos.¹³

A Organização das Nações Unidas (ONU) definiu cultura de paz na Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz, em 13 de setembro de 1999:

Uma Cultura da Paz é um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida baseados: No respeito à vida, no fim da violência e na promoção e prática da não-violência por meio da educação, do diálogo e da cooperação; No pleno respeito e na promoção de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais; No compromisso com a solução pacífica dos conflitos; Nos esforços para satisfazer as necessidades de desenvolvimento e proteção do meio-ambiente para as gerações presente e futuras; No respeito e fomento à igualdade de direitos e oportunidades de mulheres e homens; No respeito e fomento ao direito de todas as pessoas à liberdade de expressão, opinião e informação; Na adesão aos princípios de liberdade, justiça, democracia, tolerância, solidariedade, cooperação, pluralismo, diversidade cultural, diálogo e entendimento em todos os níveis da sociedade e entre as nações; e animados por uma atmosfera nacional e internacional que favoreça a paz.¹⁴

A partir de tais prerrogativas, Marcelo Bicalho aponta que, quando se fala em cultura de paz, deve-se lembrar que é um processo que enfatiza o respeitar a vida e a diversidade, rejeitar a violência, ouvir o outro para compreendê-lo, preservar o planeta, redescobrir a solidariedade, buscar equilíbrio nas relações de gênero e etnias, fortalecer a democracia e os direitos humanos. Tudo isso faz parte da cultura de paz e convivência. Quando se fala de Cultura da Paz, isso não quer dizer que não tenha conflitos e sim buscar solucionar esses conflitos através do diálogo, entendimento e do respeito à diferença¹⁵

Para que efetivamente ocorram ações capazes de incitar a perpetuação de tais valores que permeiam a cultura de paz, é necessário que haja uma comunicação ferrenha que vise elucidar sua importância, propagando como esta cultura pode ser responsável por transformar as relações em sociedade de uma forma que culmine no bem-estar biopsicossocial dos sujeitos. Nesse sentido, a educação é a porta para que esta realidade ocorra, visto que, permite a

¹² MILANI, 2003, p. 34.

¹³ DUPRET, 2002, p. 9.

¹⁴ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz*. 1999. [online]

¹⁵ BICALHO, M. *Cultura de Paz: Convivência e cultura de paz*. 2013. [online] [n. p.]

continuidade desses pressupostos ao longo do tempo, de modo a os tornar inerentes a humanidade, criando formas criativas e pacíficas de superação de conflitos.¹⁶

Promover a Cultura da Paz significa e pressupõe trabalhar de forma integrada em prol das grandes mudanças ansiadas pela maioria da humanidade – justiça social, igualdade entre os sexos, eliminação do racismo, tolerância religiosa, respeito às minorias, educação universal, equilíbrio ecológico e liberdade política. A Cultura da Paz é o elo que interliga e abrange todos esses ideais num único processo de transformação pessoal e social.¹⁷

O conceito de Cultura da Paz encontra-se em construção, e nesse sentido, ainda são necessárias discussões e reflexões acerca da temática. Quanto a aplicação das propostas que infundem a Cultura da Paz em diferentes comunidades, a escola se caracteriza como espaço aberto refletindo o contexto da localidade no qual se insere.¹⁸

Os padrões comportamentais incitados por um ambiente no qual a violência assume um caráter prioritário frente à convivência pacífica tende a ser levado diretamente para a escola, visto que as crianças e adolescentes tendem a repetir os exemplos que lhe são oferecidos em sua realidade e seu cotidiano. Nesse sentido, propor trabalhos pedagógicos que busquem enaltecer a Cultura da Paz e demonstrar sua importância tem a aptidão de criar um cenário propício para que sejam obtidos resultados que representem mudanças no clima e nas relações escolares e na própria comunidade.¹⁹

Diante do que foi exposto, na próxima seção será discutido o papel da escola na perpetuação da cultura da paz, de maneira a enfatizar a importância da educação para a promoção de uma realidade na qual a paz seja o caminho para os relacionamentos sociais. Ainda, serão identificados e analisados os desafios implicados neste processo devido à grande complexidade dos sujeitos e de suas relações.

1.2 Educação para a paz: um dos desafios da escola

No ano de 1993, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) estabeleceu a Comissão Internacional para a Educação no século XXI, pensando na construção de uma sociedade mais justa, solidária e fraterna, em que as pessoas se respeitem mutuamente. Os documentos redigidos por tal órgão definem quatro pilares que

¹⁶ DUPRET, 2002, p. 92.

¹⁷ MILANI, 2003, p. 31-32.

¹⁸ RIBEIRO; RIBEIRO; TUNICE, 2018, p. 312.

¹⁹ RIBEIRO, RIBEIRO; TUNICE, 2018, p. 312.

devem ser seguidos para garantir uma educação voltada a estes valores: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.²⁰

O aprender a ser, na concepção de Delors, responsável pela elaboração do referido documento, significa que: “A educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade social, espiritualidade”²¹. Quanto ao aprender a conviver, o autor aponta que a escola deve ensinar o estudante a se relacionar melhor em seu meio, de forma participativa, solidária e cooperativa. Isso quer dizer que “a escola deverá inculcar nos alunos/as alunas o respeito pela diversidade humana em todos os sentidos”.²²

Rosa Maria afirma que a educação não pode se desvincular das tradições, valores e culturas, tendo em vista que ela própria é moldada por tais princípios que constroem a sociedade. Nesse sentido, o ato de aprender não está relacionado somente ao fator biológico, mas, muito mais que isso, é resultado das vivências, ou seja, o ser humano é resultado de suas interações e construído pela sua história²³. Sobre os processos educativo a autora ressalta então:

O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Desta forma, o objetivo da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro, e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo.²⁴

Os comportamentos de toda a sociedade se refletem diretamente no ambiente escolar. Para Diana Amaral e Jeannette Ramos a construção de um pensamento de exclusão tem se tornado cada vez mais presente prejudicando os processos de ensino e aprendizagem. Os conflitos da juventude fazem parte da construção da identidade destes atores e nesse sentido, a escola se torna palco para que surjam constantes divergências que podem não só prejudicar os processos educativos, mas a própria saúde mental dos adolescentes²⁵.

Os relacionamentos construídos dentro da escola recebem influência de todos os contextos nos quais os alunos/as alunas estão inseridos, ou seja, familiar, comunitário e social.

²⁰ NUNES, Antônio Ozório. *Como restaurar a paz nas escolas: Um guia para educadores*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 33.

²¹ DELORS, J., 1993 *apud* NUNES, 2011, p. 33.

²² NUNES, 2011, p. 41.

²³ MACÊDO, Rosa Maria de Almeida. *Juventudes, cultura de paz na escola: transformando possibilidades em realidade*. Dissertação (Doutorado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012. p. 121-122.

²⁴ MACÊDO, 2012, p. 122.

²⁵ AMARAL, Diana Elizabette Lima do; RAMOS, Jeannette Filomeno Pouchain. *Mediação de conflitos no ambiente escolar para promover a cultura de paz. Conhecer: debate entre o público e o privado*, v. 8, n. 21, p. 24-44, 2018. p. 25.

Assim, para que se construam relações saudáveis dentro da escola, é necessário um olhar para todo o universo do adolescente. Os conflitos que surgem dentro do ambiente escolar precisam ser resolvidos de uma maneira ampla, levando em consideração estes fatores e englobando toda a sociedade.²⁶

Amaral e Ramos apontam a escola como um espaço que se distancia cada vez mais da realidade do jovem e a partir disto, causa o desinteresse deste público à aprendizagem bem como, situações de indisciplina e apatia, fazendo com que as situações conflituosas emergjam com facilidade. Nesse sentido “escola acaba representando um espaço gerador desses conflitos devido à grande concentração de jovens com diversos comportamentos e atitudes. Diante de tal diversidade cultural, mostra-se necessária profunda reflexão sobre os conflitos relacionais que cercam as juventudes e a escola”.²⁷

Então, a partir deste contexto é possível compreender o papel fundamental da escola na constituição dos indivíduos. Assim, as práticas desenvolvidas no ambiente escolar têm o poder de interferir diretamente nas relações sociais dos estudantes, e mais que isso, configuram-se como um local do qual pode se emergir experiências sociais e culturais efetivas para a construção da cidadania e do pensamento crítico.²⁸

Considerando o exposto, a escola então se configura como um local expressivo para a construção da uma cultura de paz. Abrir espaço para a convivência dentro da escola pode ser um caminho para que ela se multiplique para os vários ambientes nos quais os jovens estão inseridos e sendo assim, o primeiro passo para que esta realidade se apresente como transformadora é investir na mediação tendo o diálogo como principal prática para a resolução dos conflitos inerentes a realidade escolar.²⁹

A mediação se configura como um processo voluntário e confidencial em que aparece a figura de uma terceira pessoa, com características de imparcialidade e sociabilidade, que procura, por meio do diálogo, ajudar as pessoas envolvidas no conflito a alcançar uma solução reciprocamente aceitável diante do problema apresentado. No entanto, o conflito compreende uma resistência de interesses, podendo ser irremediável, mas, por meio da prática de intervenção, tal conflito pode ser totalmente solucionado, antecipado ou diminuído.³⁰

Sobre o diálogo como prática de mediação para resolução de conflitos nas escolas Nunes aponta que:

²⁶ AMARAL; RAMOS, 2018. p. 25.

²⁷ AMARAL; RAMOS, 2018. p. 26.

²⁸ MACÊDO, 2012, p. 124.

²⁹ RIBEIRO; RIBEIRO; TUNICE, 2018, p. 215.

³⁰ AMARAL; RAMOS, 2018, p. 31.

Para que o diálogo se efetive na prática, muitas ações vêm sendo desenvolvidas nas escolas. Uma delas é a utilização das abordagens restaurativas que consistem em “[...] práticas pelas quais, através da comunicação não violenta, os atores refletem e discutem sobre o que motivou o conflito e quais foram as consequências na vida deles” O diálogo busca resolver o problema, passando a ser uma ação educativa, pois todos os envolvidos, sem julgamentos prévios ou definições, passam a se responsabilizar e a criar solução para o caso. [...] Em vez de culpar e punir, o foco é restaurar as relações entre as pessoas envolvidas no conflito, criando uma cultura de diálogo, respeito mútuo e paz.³¹

A resolução de conflitos por meio do diálogo é fator importante que concerne a construção de uma cultura de paz na escola. Nesse sentido, é necessário um olhar atento para as causas dos comportamentos violentos das crianças, adolescentes e jovens capazes de criar situações extremas dentro do ambiente escolar, prejudicando a convivência e a aprendizagem, visto que a qualidade do ensino depende de uma atmosfera pacífica.³²

Sobre este fato, o Plano Nacional de Educação (Lei nº 13.005/14), na meta de número 7, prevê a garantia de implementação de políticas públicas que visem o combate à violência no ambiente escolar como meio, principalmente, de promover uma capacitação aos educadores quanto à identificação das causas da violência, seja qual for o gênero. Nesse sentido, a partir daí, devem ser construídas ações que visem a fundamentação da Cultura da Paz no meio escolar.³³

Outro fator preponderante para que seja estabelecida um ambiente saudável de convivência onde possam ser edificados os conceitos de educação para a paz é saúde mental. Essa afirmação corrobora com a necessidade atual, em decorrência de uma pandemia de nível mundial que modificou a forma dos jovens se relacionarem, fazendo com que estes estivessem limitados à convivência por meios eletrônicos para com seus colegas e expostos majoritariamente a interação no contexto familiar³⁴. Nesse sentido:

O fechamento das escolas se faz eficaz em tempos de pandemia, pois além das crianças serem menos cuidadosas com as medidas de higiene e prevenção [...] Além do medo, das perdas em vários sentidos, há vários conflitos e debates pelo fechamento ou não das escolas no Brasil. Entretanto, faz necessário um olhar histórico e delicado, pois na Gripe Espanhola de 1918 houve uma necessidade maior de intervenção, aonde escolas e creches fechariam por semanas, e a sobrecarga daquilo que chamaremos de último cenário limitaria até mesmo o trabalho em home office.³⁵

³¹ NUNES, 2011.p. 46.

³² RIBEIRO; RIBEIRO; TUNICE, 2018, p. 316.

³³ RIBEIRO; RIBEIRO; TUNICE, 2018, p. 316.

³⁴ LUCAS, Lílian Schwanz; ALVIN, Antônio; PORTO, Deisy Mendes; SILVA, Antônio Geraldo. PINHEIRO, Mayra Izabel Correia. Impactos da pandemia de covid-19 na saúde mental de crianças e adolescentes: Orientações do departamento de psiquiatria da infância e adolescência da Associação Brasileira de Psiquiatria. *Debates em Psiquiatria*, v. 10, n. 2, p. 74-78, 2020. p. 75.

³⁵ BARRY, John M. A Grande Gripe. *A história da gripe espanhola: a pandemia mais mortal de todos os tempos*. São Paulo: Intrínseca. 2020. p. 56.

Garantir a saúde mental das crianças e adolescente é uma missão que se estende às escolas e instituições, bem como os espaços de governo, centros de comunicação, lares e associações. Isso porque a adolescência é o período de maior probabilidade de surgimento de doenças mentais e, atrelando isso ao fato de uma exacerbação dos níveis de estresse nesta faixa etária, podem resultar em problemas graves no período pós pandemia, e para evitar que este fato aconteça, é necessário um atendimento em rede para que estes alunos possuam o amparo necessário para garantir relações de convivência saudáveis.³⁶

Visto isso, a escola é um meio fundamental para suscitar a construção de valores que remetam à Cultura da Paz. Por mais limites que possua, é no ambiente escolar que a pessoa pode aprender a conviver com a diversidade cultural, intelectual e física ou seja aprender com a convivência compartilhada. Dessa forma, oferece a oportunidade de aperfeiçoar seus relacionamentos de maneira a fortalecer os vínculos sociais e afetivos.

Para que isso aconteça, é preciso um espaço para que possam se construir projetos que visem a educação para a paz e sobre tal, o campo do Ensino Religioso configura-se como inicial para promover discussões e práticas voltadas à temática. Assim, na sequência serão apresentadas considerações a aproximação do Ensino Religioso e a Cultura da Paz.

1.3 O Ensino Religioso e a Cultura da Paz

O Ensino Religioso na educação como forma de atenção curricular e seu emprego como ação de conteúdo em sala de aula é um processo que exige um debate com toda a sociedade e as instituições de ensino. Isso porque demandam sobre essa discussão inúmeros componentes necessários para dirimir práticas de ensino religioso sem que haja direcionamento de atenção para uma determinada religião, indeferindo a constituição de Estado Laico do país.³⁷

O caráter do componente curricular como parte do sistema educacional está voltado para às concepções morais e éticas da sociedade, afastando-se dos preceitos teológicos de determinada religião. Longe disso, estabeleceria sobre ele um entendimento das evoluções do ser humano e da sociedade no sentido da harmonização das vivências entre eles, seguindo a ordem do respeito, justiça, cultura e diversas outras ações³⁸. Assim:

A temática religiosa suscita reflexões em torno dos novos contornos da esfera pública e seus dilemas para a construção de uma sociedade democrática na medida em que, a

³⁶ LUCAS; ALVIN; PORTO; SILVA; PINHEIRO, 2020, p. 77.

³⁷ PEREIRA, Júnia Sales; MIRANDA, Sônia Regina. Laicização e Intolerância Religiosa: desafios para a História ensinada. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 99-120, 2017. p. 100.

³⁸ PEREIRA; MIRANDA, 2017. p.101.

partir do século XIX expandiu-se, nessa mesma esfera pública, a importância simbólica e discursiva do conhecimento numa perspectiva não solipsista, ou seja, aquela que admite o estatuto de validade do contraditório como condição de exercício do diálogo entre diferentes com vistas à superação do preconceito e da intolerância.³⁹

Quando se trata de legislação brasileira que fundamenta o Ensino Religioso no país, inicialmente se destaca a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996. Segundo Tales Valeriani, tal legislação coloca o componente curricular de Ensino Religioso a partir de uma égide de respeito à diversidade, ou seja, deve ser manifestada de acordo com a pluralidade religiosa sem se infiltrar em princípios específicos de determinada religião, porém isentando-a da responsabilidade do estado.⁴⁰

O artigo 33 da LDB 9394/96 versa o seguinte sobre o ensino religioso nas escolas públicas do Brasil:

Art. 33. O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo. (Redação dada pela Lei nº 9.475, de 22.7.1997)

§ 1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores. (Incluído pela Lei nº 9.475, de 22.7.1997)

§ 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso.⁴¹

Gil Filho afirma que, após a implantação da Lei 9394/96, o que poderia ser um caminho de fortalecimento das pluralidades religiosas no contexto escolar tomou um caminho de desconfiança pela sociedade e pela própria instituição de ensino. Isso acontece porque se entendeu que o ensino assumiria um caráter confessional e se interligaria diretamente a religião católica que é fortemente presente em solo brasileiro.⁴²

Após redação da LDB, com a Lei nº 9475/1997, conforme apontam Alexandra Gonçalves e Sueli Delgado, o componente curricular de Ensino Religioso passa a vigorar novamente como responsabilidade do Estado e a partir daí, assume um caráter voltado ao ensino de valores fundamentais para a formação do cidadão, configurando-se como uma importante área do conhecimento.⁴³

³⁹ PEREIRA; MIRANDA, 2017. p.101-102.

⁴⁰ VALERIANE, Thales. *Ensino religioso nas escolas: veja como funciona*. 2020. In: REVISTA QUERO. [online]. [n.p.].

⁴¹ BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República. [online]

⁴² GIL FILHO, Sylvio Fausto. O ensino religioso nas escolas públicas do Brasil: discurso e poder frente ao pluralismo religioso. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 5, n. 16, p. 121-145, 2005. p. 125.

⁴³ GONÇALVES, Alexandra; DELGADO, Sueli A. P. *O Ensino Religioso nas Escolas do Brasil: um olhar sensível na Escola Pública*. *Revista Acadêmica Online*, v. 6, n. 31, 2020. p. 7.

Ainda no que se diz respeito à legislação brasileira, a Lei nº 13.663/2018, em concomitância aos preceitos que incitam a cultura da paz, incluiu-se a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura redigindo o documento normativo aplicado à educação escolar, definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei n. 9.394/1996) e orientado pelos princípios que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade mais justa⁴⁴. Dessa maneira, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define como competências gerais do Ensino Religioso para o ensino fundamental:

Proporcionar a aprendizagem dos conhecimentos religiosos, culturais e estéticos, a partir das manifestações religiosas percebidas na realidade dos educandos;
 Propiciar conhecimentos sobre o direito à liberdade de consciência e de crença, no constante propósito de promoção dos direitos humanos;
 Desenvolver competências e habilidades que contribuam para o diálogo entre perspectivas religiosas e seculares de vida, exercitando o respeito à liberdade de concepções e o pluralismo de ideias, de acordo com a Constituição Federal;
 Contribuir para que os educandos construam seus sentidos pessoais de vida a partir de valores, princípios éticos e da cidadania.⁴⁵

Além disso, prevê como competência específica: “Debater, problematizar e posicionar-se frente aos discursos e práticas de intolerância, discriminação e violência de cunho religioso, de modo a assegurar os direitos humanos no constante exercício da cidadania e da cultura de paz”.⁴⁶

A partir da reflexão sobre as ementas propostas para o ensino da disciplina de Ensino Religioso no Brasil, constata-se então ser fundamental no trabalho de combate à violência e construção da cultura de paz. Sobre a relação entre a educação para paz com a disciplina, Ciriaco Moreno ressalta que a educação para a paz tem que ser vivencial e realizada a partir da experiência, ou seja, da interação dinâmica e, nesse sentido, entende-se que a abordagem de caráter vivencial vinculado à reflexão sobre a cultura da paz no Ensino Religioso se faz necessária, por meio da promoção de um campo de discussão que envolva não só os estudantes como também a família e comunidade⁴⁷.

⁴⁴ BRASIL. *Lei n. 13.663, de 14 de maio de 2018*. Altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino. Brasília: Presidência da República. [online].

⁴⁵ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: Conselho Nacional da Educação, 2018. p. 476.

⁴⁶ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p. 477.

⁴⁷ MORENO, Ciriaco Izquierdo. *Educar em valores*. 3. ed. São Paulo: Editora Paulinas, 2005. p. 87.

No relatório apresentado à UNESCO, pela Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI⁴⁸, reforça-se então a interligação entre escola e família na construção da cultura de paz, colocando que: “a família constitui o primeiro lugar de toda e qualquer educação e assegura, por isso, ligação entre o afetivo e o cognitivo, assim como a transmissão dos valores e normas” ao passo que: “Os valores humanos conscientizados e vivenciados individualmente, em família e na escola serão certamente o fermento que fará crescer a fraternidade, a compaixão, a reverência e a cooperação como esteios da criação de uma nova sociedade”.⁴⁹

De acordo com o que foi apresentado até o momento, o plano de ensino da disciplina Cultura da Paz implementada durante a execução do presente projeto terá como base os conceitos que serão deliberados a seguir: Justiça Restaurativa e círculos de diálogos à luz da educação para a paz. As reflexões desenvolvidas no componente curricular do Ensino Religioso configuram um terreno bastante fértil e plural no Brasil, haja vista a heterogeneização do campo religioso na elaboração de uma Cultura de Paz que não discrimine outrem, entrando em conformidade com os preceitos expostos ao longo do escopo da pesquisa. Isto porque é notório o conceito de “heterogeneização, traduz forças de pluralização e diversificação presentes na sociedade brasileira”⁵⁰.

1.4 Justiça Restaurativa, círculos de diálogo e educação para a paz

A Justiça Restaurativa (JR) do modo como está sendo formulada no contexto ocidental, vem ganhando influência em várias áreas. Segundo Petronela Boonen, é um tema novo para o público brasileiro, tanto no que se refere a aplicação quanto a reflexão, pois se trata de um campo em construção.⁵¹

Conforme apontam Milena Carmo, Alessandra Tavares Márcio Bhering e Mariana Brito:

A Justiça Restaurativa é uma metodologia criada como alternativa à punição de pequenos delitos, sobretudo juvenis. O Canadá foi o precursor, sendo a prática depois disseminada pelos Estados Unidos, Nova Zelândia e outras diversas partes do mundo.

⁴⁸ DELORS, Jacques. *Educação: Um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez Editora, 1996. p. 95.

⁴⁹ MARTINELLI, Marilu. *Conversando sobre educação em valores humanos*. Rio de Janeiro: Fundação Peirópolis, 2006. p.10.

⁵⁰ HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. Campo religioso brasileiro e História do Tempo Presente. *Revista Brasileira de História das Religiões*, São Paulo, v. 1, n. 3, 2009. p. 03.

⁵¹ BOONEN, Petronella Maria. *A justiça restaurativa: um desafio para a educação*. Dissertação (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. p. 19.

No final dos anos 90 foi incorporada pela Organização das Nações Unidas que, em 2001, produziu a Declaração de Princípios Básicos de Justiça Restaurativa.⁵²

Quando falamos em JR no Brasil, é importante mencionar Joanna Blaney e Petronela Boonem como precursoras da metodologia, a qual foi trazida pelas autoras para o país em meados do ano de 2006 e utilizada em uma periferia de São Paulo como prática experimental, atrelando-se principalmente às varas da infância e da juventude, fato que futuramente gerou frutos no sentido de unir a JR ao campo educacional.⁵³

Para se compreender os pressupostos emoldurados pela JR, primeiramente é preciso refletir sobre os conceitos de crime e conflitos para as práticas de justiça na qual nos inserimos no momento: a justiça retributiva. Zehr é um dos teóricos que mais discute as diferenças entre as modalidades de justiça retributiva e restaurativa, ressaltado a última como uma nova visão para abordar os conflitos emergentes dos relacionamentos humanos.⁵⁴

A diferenciação entre os dois conceitos denota uma lacuna grande no entendimento das relações sociais, visto que, a justiça retributiva considera o crime como uma violação contra o estado representado pela desobediência às leis elucidando um movimento de culpa e conflito entre indivíduo e Estado criando-se assim, uma ideologia de correção de erros. Já a JR ocupa-se de uma ótica voltada ao crime como a violação de relacionamentos entre as pessoas, e nesse sentido, as práticas de justiça buscam a reconciliação.⁵⁵

Entende-se a Justiça Restaurativa como o complexo de procedimentos e práticas que se propõem a satisfazer as vítimas de um ato danoso, seus autores e as comunidades de apoio, por meio do diálogo. Busca-se, nesse sentido, a restauração dos sujeitos envolvidos no ato e reparação dos danos provocados pelo conflito.⁵⁶

Petronela Boonen assim coloca:

A exigência de mudança e o aparecimento da JR forçaram o próprio direito a repensar-se, não mais como sendo universal e abstrato, com regras aplicáveis a todas as circunstâncias, independentemente dos valores regentes, mas como respostas, através de práticas e contextos singulares, históricos, sociais e econômicos. Não como uma sucessão de imposição de sofrimentos, mantendo o ofensor sempre preso a uma situação passada, insuscetível de reversão, capaz de abrir margem ao novo. Neste

⁵² CARMO, Milena Mateuzi; TAVARES, Alessandra. BHERING, Márcio. BRITO, Mariana. *Sujeitos, frutos e percursos: Projeto jovens facilitadores de práticas restaurativas*. Campo Limpo: Centro de Direitos Humanos e Educação Popular do Campo Limpo, 2018. p. 11.

⁵³ CARMO; TAVARES; BHERING; BRITO, 2018. p. 12.

⁵⁴ VIEIRA, Victor Barão Freire. *Um estudo sobre o percurso formativo das Escolas de Perdão e Reconciliação (ESPERE) e os fundamentos para uma justiça restaurativa*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. p 12.

⁵⁵ VIEIRA, 2014. p. 12.

⁵⁶ JAYME, Fernando Gonzaga; ARAÚJO, Mayara de Carvalho. *Justiça Restaurativa na escola: formando cidadãos por meio do diálogo e da convivência participativa*. Belo Horizonte: Comissão de Justiça e Práticas Restaurativas do Fórum Permanente do Sistema de Atendimento Socioeducativo de Belo Horizonte, 2018. p. 9.

sentido, a questão da perspectiva temporal é fundamental na JR. Seu olhar é centrado no presente, visando o porvir e a nova possibilidade, e não no passado, onde se situa o ato que, a partir da antiga visão, precisa ser retribuído, punido, segundo a lei.⁵⁷

A história da JR é relativamente curta e dela emergem vários princípios e práticas⁵⁸. É possível dizer que o seu surgimento decorre de experiências humanas milenares vivenciadas em diversos países, por meio das quais se desenvolveram valores e princípios.⁵⁹

Envolve vítima, o ofensor e a comunidade, numa busca para as soluções que promovam o reparo, a reconciliação, e constituem assim, uma garantia de segurança. Surge dos diversos problemas não resolvidos, ao lado de falhas no sistema prisional, forçando os profissionais das mais diversas áreas a repensar o paradigma retributivo para o restaurativo, a fim de concentrar-se no prejuízo causado, nas relações interpessoais e comunitárias, mais do que as regras ou na lei quebradas. É possível observar, portanto, que esse cenário indica que o diálogo é o caminho e talvez a JR possa dar uma resposta a necessidade dessa mudança⁶⁰. As crises, os problemas e os litígios são considerados oportunidades para a transformação de situações e relacionamentos.⁶¹

A JR vem lançando raízes na área da educação. Assim, “desde os anos 1990 professores têm conduzido processos circulares para fortalecer a comunidade da sala de aula e da escola; têm criado os princípios e práticas da JR para responder comportamentos desafiadores e danosos”⁶². O crescimento em ambientes pedagógicos se deve aos profissionais que implementam os princípios e práticas na rotina escolar. Contudo, ainda são necessários estudos teóricos sobre o tema, reunindo assim, as experiências a teoria, num ambiente mais completo no qual todos os envolvidos conseguem se destacar.⁶³

A finalidade é possibilitar a implementação de uma metodologia comprometida com a educação cidadã, por meio do desenvolvimento da alteridade, permitindo a formação de sujeitos autônomos e capazes de assumir a responsabilidade por seus atos e aptos a restaurar os danos produzidos⁶⁴. A Justiça Restaurativa Escolar (JRE) é composta por três componentes que amadureceram ao longo de anos de prática nas escolas a fim de obter das pessoas o real valor e

⁵⁷ BOONEN, 2011, p. 17.

⁵⁸ EVANS, Katerine; VAANDERING, Doroty. *Justiça restaurativa na educação*. São Paulo: Palas Athena, 2018. p. 13.

⁵⁹ JAYME; ARAÚJO, 2018, p. 10.

⁶⁰ BOONEN, 2011, p. 29.

⁶¹ JAYME; ARAÚJO, 2018, p. 9.

⁶² EVANS; VAANDERING, 2018, p. 15.

⁶³ SCHIRCH, Lisa. *Construção estratégica de paz*. São Paulo: Palas Athena, 2019. p. 22.

⁶⁴ JAYME; ARAÚJO, 2018, p. 10.

levando em consideração que elas são seres emocionais. Nesse sentido cria-se ambientes justos e equitativos, nutre-se relacionamentos saudáveis e repara-se danos e transformar conflitos.⁶⁵

Sendo assim, na justiça restaurativa na educação é ampliado e partilhado nas seguintes perspectivas 1) De justiça (implementado através dos relacionamentos, numa condição de respeito, dignidade e proteção de direitos e oportunidades); 2) Restaurativa (descrevendo o modo como a dignidade, o valor e a interconexão de um grupo são nutridos, protegidos e reestabelecidos); 3) Educação (do latim *educare*, que significa ‘conduzir, fazer aflorar’, buscando emponderar o estudante para agir de acordo com sua capacidade de ser humano relacional).⁶⁶

As crenças centrais da JRE são: Todos os seres humanos têm valor e são interconectados. A JRE reconhece a necessidade de pertencimento das pessoas, ou o ‘desejo universal humano de se ligar a outros de um modo bom’. Essas crenças estão fundadas em três valores-chave respeito, dignidade e cuidado mútuo. Dentro desses valores, muitos outros podem ser identificados segundo as necessidades particulares das pessoas [...] confiança, honestidade, incentivo.⁶⁷

Para além das crenças, a construção de uma cultura escolar restaurativa depende da consagração de uma série de componentes dentro do ambiente escolar, fundamentando assim, os pressupostos da JR dentro na escola. Os componentes são:

Criar ambientes de aprendizado justos e equitativos, significa que alunos, funcionários serão reconhecidos e aceitos por quem são, inclusive por sua raça, gênero, sexualidade, condição socioeconômica, religião, linguagem etc. Todos têm a oportunidade de participar, oferecer e receber recursos e apoio para sua experiência e aprendizado pessoal;

Nutrir relacionamentos saudáveis é o reconhecimento de que a saúde social e emocional é vital para aprender e para viver. Tanto alunos quanto professores florescem quando se sentem aceitos e respeitados por aqueles com quem convivem. Assim, o respeito, a inclusão, a resolução de conflitos, o aprendizado e ensino recíprocos, a tomada de decisões, devem ser integrados em todos os aspectos da educação

Reparar danos e transformar conflitos é o reconhecimento de que o conflito e o dano são partes normais da vida e muitas vezes oferecem oportunidades de aprendizado e transformação. Juntos, todos os envolvidos e a comunidade aprendem a se comunicar claramente para identificar os danos, estimular a responsabilidade naqueles que causaram os danos, aceitar e cuidar das necessidades dos que foram prejudicados e dos que lesaram os outros.⁶⁸

Assim, é possível observar que a justiça restaurativa deve ser adotada no contexto escolar visando o fortalecimento do ambiente enquanto comunidade cooperativa e igualitária,

⁶⁵ EVANS; VAANDERING, 2018, p. 12.

⁶⁶ SCHIRCH, 2019, p. 24.

⁶⁷ EVANS; VAANDERING, 2018, p. 17.

⁶⁸ EVANS; VAANDERING, 2018, p. 17-19.

de forma a proporcionar a participação ativa na resolução de conflitos aos membros da comunidade escolar: professores, gestores, estudantes, familiares e comunidade.⁶⁹

O desafio do contexto atual, se tratando de saúde mental, é manter as relações saudáveis. Contudo, observa-se as relações cada vez mais difíceis, dolorosas e rasas, pois a necessidade inata de pertencimento está prejudicada. O resultado são níveis crescentes de ansiedade e outros diagnósticos de saúde mental, que acabam agravando conflitos interpessoais e sociais. Os educadores vêm notando e lutando para responder essas necessidades. Nesse sentido, a JRE pode ser uma resposta relevante nesse contexto de uma sociedade desconectada.⁷⁰

Os relacionamentos saudáveis são construídos como as pessoas se comunicam de modo respeitoso e partilham o poder a fim de permitir que as necessidades individuais e coletivas sejam atendidas

A comunicação respeitosa acontece quando as pessoas levam em conta o fato de as mensagens enviadas e recebidas tem um impacto sobre o senso de valor e bem-estar do outro. Ela estimula as pessoas a manifestarem seu melhor lado mesmo em circunstâncias desafiadoras.⁷¹

A JRE enfatiza de modo especial a dependência mútua, para que os relacionamentos construídos se tornem benéficos para ambos (as). Sobre a construção dos relacionamentos saudáveis ressalta-se o Processo Circular, que se configura como uma prática restaurativa desenvolvida pela professora Kay Pranis. Tem como base o processo de resolução de conflitos e tomada de decisões inspirados nas comunidades indígenas norte-americanas e canadenses.⁷²

Os círculos de construção de paz colocam pessoas em contato direto para dialogar de maneira qualificada. O intuito é a construção coletiva de soluções para os problemas por meio da partilha de ideias e de sentimentos e em um ambiente de segurança. O método usado pretende não apenas resolver conflitos, mas também os prevenir, assim como fortalecer os vínculos entre as pessoas.⁷³

Os círculos se apresentam como essência, princípios e valores da Cultura da Paz e da Justiça Restaurativa. O principal objetivo é a efetividade na pacificação das relações sociais, atualizando e promovendo a chamada democracia ativa. Assim, a Justiça Restaurativa pretende apresentar-se como uma resposta mais humana na solução dos conflitos:

Os círculos de construção de paz são algumas das estratégias utilizadas como metodologia pela Justiça Restaurativa. Neles, os envolvidos debatem seus

⁶⁹ JAYME; ARAÚJO, 2018, p. 18.

⁷⁰ EVANS; VAANDERING, 2018, p. 67-69.

⁷¹ EVANS; VAANDERING, 2018, p. 71.

⁷² PRANIS, Kay. *Processos circulares*. São Paulo: Palas Athenas, 2010. p. 28.

⁷³ PRANIS, 2010. p. 28.

sentimentos, expõem seus argumentos e buscam, dessa forma, amenizar as próprias diferenças.⁷⁴

As práticas restaurativas e os círculos possuem uma conexão estratégica, mas as práticas circulares podem ser utilizadas, por exemplo, para organizar diálogos, traçar estratégias de intervenção e integrar equipes, celebrar conquistas, acolher novas pessoas no grupo, dialogar sobre temas em sala de aula, organizar reflexões coletivas, etc. Não há necessidade de existir um conflito para se realizar um círculo, de modo que o “círculo restaurativo” é apenas uma das várias espécies do gênero “processos circulares” ou “construção de círculos de paz”.⁷⁵

A forma circular permite que os participantes estejam equidistantes em relação ao centro e dá a chance de todos se enxerguem e serem vistos ao mesmo tempo. O formato circular também representa a conexão entre os presentes e o fluxo contínuo do pensar e repensar, deixando evidente a horizontalidade pela equivalência de posições dos praticantes e gerando uma sensação de segurança, pois todos ficam cientes de tudo o que está ocorrendo no espaço. Essa visão ampla favorece a atenção em relação às expressões e emoções de todos e, conseqüentemente, o cuidado mútuo.⁷⁶

Segundo Pranis, há sete pressupostos centrais para condução dos círculos de construção de paz, os quais são citados a seguir:

1. Dentro de cada ser humano está o verdadeiro eu: bom, sábio e poderoso;
2. O mundo está profundamente interconectado;
3. Todos os seres humanos têm um profundo desejo de estarem em bons relacionamentos;
4. Todos os seres humanos têm dons e cada um é necessário pelo dom que traz;
5. Tudo que precisamos para fazer as mudanças positivas já está aqui;
6. Seres humanos são holísticos (mente, corpos, emoções e espírito estão presentes em tudo que fazemos, pois somos seres completos);
7. Nós precisamos de práticas para criar hábitos de viver a partir do eu verdadeiro.⁷⁷

Assim, deve-se partir de uma aposta no potencial humano de construir a partir da cooperação, de forma a possibilitar cada pessoa do grupo ter voz e ser ouvida para localizar, dentro de si, o que de melhor pode ofertar para o grupo (pressuposto 1). Estando em círculo, cada integrante pode dar ideias e opinar ao mesmo tempo que essas colaborações podem advir dos demais participantes (pressuposto 2). Assim, reconhecer que pertence a um grupo cooperativo, cria-se vínculos de empatia e assim, ideias e adoções de atitudes que enriquecerá as vidas e as relações (pressuposto 3).⁷⁸

⁷⁴ PRANIS, 2010, p. 14.

⁷⁵ PARANÁ. *Apostila de facilitadores de processos circulares do NUPIA-MPPR*. Curitiba: Ministério Público do Paraná, 2020. p. 28.

⁷⁶ PARANÁ, 2020, p. 7.

⁷⁷ PRANIS, 2010, p. 22-28.

⁷⁸ PARANÁ, 2020, p. 13.

Há possibilidade de recebermos ajuda e ofertar algum auxílio para o grupo (pressuposto 4). Com a integração do grupo, pode-se criar outros recursos para transformar positivamente a realidade exposta (pressuposto 5). Durante a prática, é possível perceber que tudo o que é feito ou deixado de fazer, em um contexto relacional, pode incentivar o grupo a caminhar para uma construção ou uma desconstrução (pressuposto 6) e, por fim, o círculo poderá incentivar a criação de hábitos que favoreçam a uma convivência harmônica e atitudes que respeitem o indivíduo e que seja mais autêntico (pressuposto 7).⁷⁹

A realização de tais círculos permite implicar os seus participantes na convivência harmônica (com respeito às diversidades) e na reconciliação a partir da reparação de danos que possam ter sido causados, movimento esse que é fundamentado no diálogo e na troca de experiências e vivências.⁸⁰ Além disto, a realização dos círculos é capaz de infligir nos participantes uma autoconsciência, ou seja, a compreensão que cada participante constrói em a si mesmo abre espaço para que estes possam ser refletidos, criando no indivíduo a conscientização quanto seu poder sobre suas escolhas, traduzindo-se no empoderamento.⁸¹

A sociedade, na forma hierárquica como se organiza, causa diversos conflitos visto que, desta forma, o poder causa sensações de superioridade e inferioridade que reflete em todas as organizações sociais, como a escola⁸². Nesse sentido, os círculos de paz quebram com a visão hierárquica demonstrando que cada ser humano tem seu espaço e sua individualidade.

Compreender esses conceitos e empreitá-los em um projeto no ambiente escolar promove nos jovens uma nova ótica de não violência, diálogo e respeito, e nesse sentido vem diretamente de encontro com a construção de uma cultura de paz. Com base no discutido até o momento, no próximo capítulo será apresentado um projeto de educação para a paz no município de Vila Velha/ES, o qual se apropriou dos conceitos de JR e círculos de paz, trabalhados por meio da disciplina de Ensino Religioso, para permear a construção de uma cultura de educação para a paz em uma escola de tempo integral.

⁷⁹ PARANÁ, 2020, p. 13-14.

⁸⁰ PARANÁ, 2020, p. 14.

⁸¹ PRANIS, 2010, p. 29.

⁸² PRANIS, 2010, p. 29.

2 A EDUCAÇÃO PARA A PAZ NO MUNICÍPIO DE VILA VELHA: ENTRE O PLANEJAMENTO E A REALIZAÇÃO

A elucidação do presente capítulo foi concebida a partir do viés prático referente as propostas para o projeto na Escola UMEF “Reverendo Antônio da Silva Cosmo”, ou seja, inicialmente foram apresentadas algumas peculiaridades em relação à elaboração dos planos de ensino, articulando a disciplina de Ensino Religioso às concepções sobre a Cultura da Paz. Nesta primeira seção, fez-se necessária também uma apresentação da realidade na qual implicamo-nos visto que, um dos passos mais importantes de uma pesquisa-ação é entremear-se nos contextos que norteiam o local na qual a imersão é feita.

Após, fora descrita a proposta emendada bem como, a reação dos sujeitos participantes para com os objetivos pretendidos no decorrer do processo. Em seguida, são apresentados os relatos construídos a partir da experiência vivenciada pelos estudantes. As discussões que seguem o trabalho são relativas à discussão da relação entre o Ensino Religioso e a Cultura da paz em respeito à grande diversidade religiosa que caracteriza o contexto brasileiro e os círculos de diálogo como meios para resolução de conflitos na busca por uma escola, comunidade e sujeitos em paz.

2.1 Elaboração de planos de ensino articulados entre o Ensino Religioso e a disciplina Cultura de Paz

A construção de uma Cultura de Paz na escola é fundamental para a formação de uma sociedade pautada em princípios e valores de justiça e igualdade. Nesta perspectiva, a própria BNCC⁸³ já trata sobre a importância de incluir tais conceitos nos processos de ensino, tendo como base disciplinar o Ensino Religioso. Segundo o documento, a disciplina, após a década de 1980, assumiu um caráter diferenciado das concepções que lhe eram atribuídas até então, afastando-se dos paradigmas confessionais⁸⁴

As reformulações na base curricular do Ensino Religioso se configuram como um processo decorrentes de mudanças sócio-históricas pertinentes a sociedade e nesse sentido, as mudanças vêm de encontro com os anseios de igualdade, inclusão e respeito às diversidades religiosas, as quais fazem parte do contexto brasileiro.⁸⁵

⁸³ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p. 437.

⁸⁴ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p. 437.

⁸⁵ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p. 437.

Na BNCC, o Ensino Religioso é reconhecido, expressamente, como área de conhecimento, juntamente com as Linguagens (Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa), Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas⁸⁶. Assim, reconhece-se que “o Ensino Religioso é tempo e espaço de reflexões críticas sobre os conhecimentos religiosos e as filosofias de vida da humanidade, da brasilidade e da regionalidade. Preocupa-se com as atitudes de reconhecimento e respeito às alteridades e todo tipo de diversidade”.⁸⁷

Conforme consta no documento:

A Constituição Federal de 1988 (artigo 210) e a LDB nº 9.394/1996 (artigo 33, alterado pela Lei nº 9.475/1997) estabeleceram os princípios e os fundamentos que devem alicerçar epistemologias e pedagogias do Ensino Religioso, cuja função educacional, enquanto parte integrante da formação básica do cidadão, é assegurar o respeito à diversidade cultural religiosa, sem proselitismos.⁸⁸

A partir de tais pressupostos, fica clara a necessidade de construção de práticas pedagógicas diferenciadas e que não estejam atreladas somente à determinada religião, no intuito de respeitar as diferenças de credo dos estudantes bem como a diversidade cultural que constitui a sociedade. Então, a elaboração de um currículo de qualidade para a disciplina é perpassada por questões que venham a contribuir para a edificação de um meio social respaldado no respeito.

O componente curricular de Ensino Religioso, enquanto área do conhecimento, não deve ter a finalidade de transpor conteúdos enciclopédicos ou doutrinários para um ensino catequético, mas sim o desenvolvimento de processos de aprendizagem participativos, de construção de conhecimentos significativos por intermédio do desenvolvimento de projetos de pesquisa, em conexão com as pautas de estudo e engajamento dos cientistas da religião.⁸⁹

Além disso, referido componente curricular é parte integrante para a formação básica de todo indivíduo, haja vista que não é possível reduzir a escola tão somente à perspectiva de preparação para o trabalho. Deve-se pensar uma educação inclusiva e integral, em que todas as habilidades cognitivas são consideradas importantes.⁹⁰

Importante mencionar, ainda, que a construção da Cultura da paz é parte integrante das competências do Ensino Religioso, nos termos da competência de número 6, expressa na

⁸⁶ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p. 27.

⁸⁷ BAPTISTA, Paulo Agostinho N. Ensino Religioso: de volta para o futuro. In: MARANHÃO, Fº. Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). *O ensino religioso na prática*. Florianópolis: AMAR; FOGO, 2021, pp. 19-23. p. 22.

⁸⁸ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p. 437.

⁸⁹ ARAGÃO, Gilbraz de Souza. Dos magistérios eclesiais para os magistérios acadêmicos. In: MARANHÃO, Fº. Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). *O ensino religioso na prática*. Florianópolis: AMAR; FOGO, 2021. p. 16.

⁹⁰ BAPTISTA, 2021, p. 24.

BNCC, que afirma: “6. Debater, problematizar e posicionar-se frente aos discursos e práticas de intolerância, discriminação e violência de cunho religioso, de modo a assegurar os direitos humanos no constante exercício da cidadania e da cultura da paz”.⁹¹

O Ensino Religioso, quando baseado em “saberes históricos, geográficos, sociais e filosóficos, pode proporcionar aos discentes uma compreensão adequada do mundo à sua volta. Contudo, só faz sentido se os direitos humanos básicos não forem transgredidos, o que implica respeitar a coexistência humana, a vida dos outros, as suas opiniões e os seus pontos de vista”.⁹²

Desta feita, o Ensino Religioso é um espaço de aprendizagens e experiências que pretende proporcionar a construção de atitudes e o reconhecimento e respeito às alteridades. Esse objetivo deve ser atingido por meio do estudo dos conhecimentos religiosos e das filosofias de vida, realizando intercâmbios e diálogos permanentes, que visam o acolhimento das identidades culturais, religiosas ou não, na perspectiva da interculturalidade, direitos humanos e cultura da paz. Esse cenário colabora para a formação integral dos alunos/as alunas enquanto seres humanos, na medida em que fomentam a aprendizagem da convivência democrática e cidadã, princípio básico à vida em sociedade.⁹³

Pautada em tais concepções, com a coparticipação das pedagogas Luciana, Veruska e Shirlene, foi fundamentada a elaboração de um plano de ação da Escola UMEF “Reverendo Antônio da Silva Cosmo” voltado para a construção de círculos de diálogo como parte do currículo da disciplina de Ensino Religioso, na busca de promover uma Cultura da Paz em todo o ambiente escolar, com objetivo de, a partir do diálogo, do respeito mútuo e do autoconhecimento, plantar sementes duradouras, não só no coração dos nossos estudantes, mas também na escola e na comunidade que fazem parte de suas histórias.

A comunidade do entorno da escola que fica em Jardim Colorado abrange alunos e alunas dos bairros Jardim Guadalajara, Santos Dumont, Vila Nova e Jardim São Paulo. Esses bairros não são conhecidos por serem violentos, mas temos vários estudantes que relatam depressão, automutilação, problemas de autoestima e problemas familiares diversos, principalmente no retorno presencial a escola. Neste âmbito, proporcionar uma experiência na qual os estudantes possuem um espaço de liberdade para se expressar em relação às suas dificuldades, anseios e desejos torna-se uma oportunidade ímpar para a promoção da Cultura da Paz na escola.

⁹¹ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p. 437.

⁹² AFFONSO, Luciane Marina Zimerman; CANFIELD, Ráisa Lammel; MÖBS, Adriane da Silva Machado; SANTOS, Valter Borges dos; SILVA, Itala Daniela da. *Políticas Educacionais e Base Nacional Comum Curricular de Ensino Religioso*. Porto Alegre: SAGAH, 2021. p. 49.

⁹³ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p. 437.

Os círculos, por seus princípios de horizontalidade e liderança compartilhada, são de grande valor para concretizar experiências democráticas, dando voz e vez a todos que estejam interessados ou implicados em determinada situação. Assim, amadurece a ideia democrática de vivências dialógicas, favorecendo a construção de uma sociedade mais inclusiva e plural.⁹⁴

Contudo, as práticas circulares não são um fim em si mesmo, mas uma ferramenta para que as pessoas possam conviver em bons relacionamentos. Esse método demonstra às pessoas que elas “podem adotar práticas para criar hábitos de viver a partir do eu verdadeiro” e que cooperação é um alimento que fortifica a esperança, mostrando caminhos que talvez não fossem cogitados se estivessemos sozinhos. Partindo disso, o círculo oportuniza transformações geradas nas pessoas por meio de habilidades que já estavam ali e podem ser acessadas fora daquele espaço.⁹⁵

2.2 Apresentação da proposta e reação dos sujeitos envolvidos

Inicialmente, os estudantes foram engajados a escreverem um diário durante 3 semanas, respondendo ao roteiro proposto, como forma de trabalhar valores, emoções e sentimentos vividos ainda nesse período de pandemia. O planejamento envolveu primeiramente as turmas dos 9º anos estendendo-se para o 8º ano. Os encontros ocorreram de forma *online*, inicialmente pela plataforma zoom e posteriormente pelo Google sala de aula, visto que foi uma demanda decorrente do fato da escola funcionar em período integral, com carga horária dobrada em relação aos outros estudantes.

A adoção dos encontros via plataformas digitais se deu devido panorama sanitário no Brasil e no mundo, ante a propagação acelerada do SARS-CoV-2, a qual obrigou os países a adoção de medidas restritivas de distanciamento social a partir de março de 2020, ocasionando mudanças imediatas nas relações sociais, sejam elas no âmbito do lazer, trabalho ou ensino.

Sendo assim, na plataforma Google sala de aula, foi solicitado aos estudantes a construção de um “diário com perguntas guiadas” (APÊNDICES A1, A2 e A3).

Nesse diário, as questões norteadoras propostas pelas pesquisadoras envolveram as seguintes temáticas:

- 1ª semana: falar sobre o passado;
- 2ª semana: falar sobre o presente

⁹⁴ PARANÁ, 2020, p. 12.

⁹⁵ PRANIS, 2011, p. 32.

- 3ª semana: pensar sobre o futuro;

Os temas abordados foram em relação a saúde emocional desses alunos em tempos de pandemia. A preocupação em trazer para o escopo de estudo as questões referentes ao momento pandêmico se deu a partir da compreensão da necessidade que os jovens têm em estabelecer relações sociais principalmente no entorno da escola. Com a situação de distanciamento social ocasionada pela Covid-19, surgiu a preocupação de como a saúde mental destes sujeitos estaria sendo prejudicada pelas dificuldades relacionais impostas pelo contexto.

O objetivo, final de cada mês, foi realizar um círculo de diálogo online, para conversar sobre essa experiência. O formato os círculos de diálogo ocorreram com a orientação realizada pelo Núcleo de Práticas Restaurativas do Município de Vila Velha. Inicialmente, essa proposta realizou uma apresentação aos gestores por meio de uma conversa efetiva e segura com todos os sujeitos envolvidos: a equipe pedagógica e gestores da Unidade Municipal de Ensino Fundamental de Tempo Integral “Reverendo Antônio da Silva Cosmo”, assim como as turmas do ensino fundamental.

Os círculos foram realizados com uma facilitadora e uma co-facilitadora⁹⁶, durante o ano letivo de 2020, após análise das especificidades das turmas por meio do levantamento de dados e participação da comunidade escolar. O processo circular ocorreu por meio do manual “No coração da esperança, manual de práticas circulares”, da pesquisadora Kay Pranis.⁹⁷

Foram utilizados registros variados no decorrer da realização do tema sobre a paz no Ensino Religioso e nos círculos de diálogos, como diário de campo, fotos e gravações. Na realização desses círculos, foi fundamental compreender os sentimentos e as necessidades dos envolvidos, estando presentes recursos necessários para revelar as aspirações individuais mais profundas, expressar e reconhecer erros e medos, liberar as defesas e máscaras, potencializar e trazer para a vivência os valores mais fundamentais, evocar a sabedoria individual e coletiva, reconhecer e acessar dons e potenciais criativos, envolver os participantes em todos os aspectos da experiência humana, mental, física, emocional e espiritual por meio da construção de significados e pertencimento.

O processo circular é uma metodologia de organização de diálogo, reflexão e possível desenvolvimento de planos de ação, que foi estruturada a partir de diversos preceitos [...]. Não há conteúdo que consiga transmitir totalmente as possíveis transformações

⁹⁶ Professora Carolina Soares (UMEF “Reverendo Antônio da Silva Cosmo”) e co-facilitadoras Andreia Toniato e Levany Rogge (Pólo UAB)

⁹⁷ PRANIS, 2011, p. 32.

vivenciadas na prática circular, pois cada pessoa experimenta esse momento de um jeito único.⁹⁸

Os círculos convidam as pessoas a estarem juntas pelos mais diversos propósitos e cada um dos pressupostos citados está embasado em descobertas científicas dos mais variados campos das Ciências Sociais, Ciências das Religiões e da Psicologia.⁹⁹

A amplitude das possíveis propostas do círculo leva a uma série de nomeações diferentes, como “círculo de sentenciamento”, “círculo de diálogo”, “círculo de integração”, “círculo para compreensão”, “círculo de transformação de conflitos”, “círculos de celebração”, “círculo de apoio” etc.¹⁰⁰. Mas independentemente da nomenclatura que recebe, a centralidade do círculo está no diálogo o qual “favorece a reflexão e a reflexão pode ser direcionada a construção de um consenso ou mesmo resultar nele sem que o facilitador tivesse planejado esse fluxo”.¹⁰¹

Cada uma dessas nomenclaturas, deixa explícito o direcionamento estratégico adotado em um círculo específico. Por exemplo, um círculo de diálogo, tem enfoque na interação entre pessoas sem ter necessariamente o comprometimento com a tomada de decisões. Essas separações são necessárias no campo didático pois, na prática, o círculo é multifacetado.

Sobre a prática dos círculos realizados com os estudantes, a facilitadora¹⁰², inicialmente dá as boas-vindas e explica o porquê dos círculos como modelo de diálogo, bem como são apresentados os objetos identificadores dos estudantes os quais estão em uma imagem da tela ou no centro do círculo. Logo após segue a explicação da importância do objeto da palavra que, de forma online, cada participante posicionou com um objeto particular, da sua própria casa (como direciona os protocolos de segurança contra COVID-19).

Concomitantemente, é feito um check-in para saber com qual humor as pessoas estão começando essa participação e o planejamento dos valores, que são construídos a partir de cada valor particular que o aluno dialoga no círculo. No prosseguimento, há a construção das diretrizes, os combinados que são realizados no primeiro círculo de paz e que são lembrados nos outros encontros, a saber:

- A fala respeitosa no círculo pois cada um fala de si, de seus pensamentos, sentimentos, emoções e vivências, nunca do outro.

⁹⁸ PARANÁ 2020, p. 4.

⁹⁹ PRANIS, 2019, p. 42-43.

¹⁰⁰ PANIS, 2019, p. 29-31.

¹⁰¹ PRANIS, 2019, p. 29.

¹⁰² Professora Carolina Soares (UMEF “Reverendo Antônio da Silva Cosmo)

- A escuta ativa quando é demonstrada atenção plena em sua escuta, mostrando respeito, empatia, afeto e acolhimento;
- O objeto da palavra simboliza o direito à fala, mas não obriga; enquanto se detém o objeto, é um direito receber a oferta de escuta dos demais;
- O não julgamento no círculo praticando a escuta empática, não julgando aquilo que é exposto pelos participantes;
- O sigilo as histórias compartilhadas no círculo, pertencem ao círculo. Não são comentadas em outro momento, devem ser respeitadas como sagradas àquele grupo naquele momento;
- Para cada participante deve haver a certeza de estar num lugar seguro, que sua partilha de vida não será exposta em hipótese alguma.

Por meio de perguntas norteadoras, os estudantes puderam no ano de 2020, mesmo que de forma *online*, rever os colegas de classe, conversar sobre os medos no início da pandemia, suas perdas e anseios, sempre assegurando um espaço seguro.

Por fim, é realizado um *check-out*, escutando dos alunos/as alunas como eles terminaram esse círculo e se gostaram da experiência. Às facilitadoras, coube conduzir essa escuta ativa, fala e os diferentes saberes e práticas trabalhados durante os círculos de diálogo.

A complexidade e o alcance das relações interpessoais que ocorreram nos círculos de paz, tiveram como objetivo nutrir relacionamentos saudáveis. Muitas vezes é presumível que diante de tempos pandêmicos de COVID-19, as crianças e adolescentes não seriam tão afetados, porém, com a privação que a quarentena proporcionou, percebeu-se principalmente um nível de ansiedade nesses estudantes. Nesse contexto, os facilitadores notaram e procuraram corresponder essas necessidades.

Pesquisas recentes identificaram diagnósticos de estresse tóxico em cada vez mais crianças e jovens, todos em contextos socioculturais atuais, que lutam para vincular e construir laços de confiança com os adultos mais próximos (familiares, professores ou tutores). Entretanto, apesar de boas intenções, os responsáveis por cuidar, muitas vezes estiveram desconectados e preocupados, sem saber como atender as necessidades das crianças e adolescentes.¹⁰³

A resposta dos estudantes foi muito positiva. A participação foi efetiva, os grupos elogiaram a iniciativa, puderam rever seus colegas que há tempo não viam (mesmo que *online*),

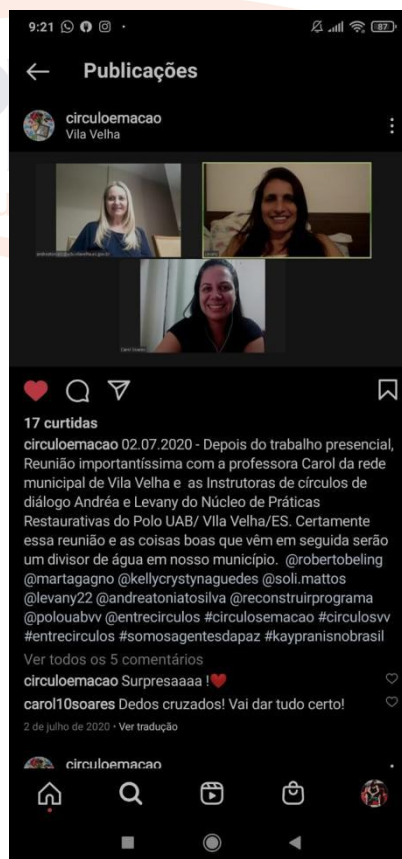
¹⁰³ EVANS; VAANDERING, 2018, p. 20.

brincaram, se divertiram e se abriram quanto as perdas de familiares, seus medos em relação a pandemia, mas também como facilitadoras tentamos ter o foco em relação ao futuro, seus sonhos e projetos.

O espaço democrático dos círculos permitiu que os estudantes se sentissem acolhidos e nesse sentido, o vínculo criado a partir das trocas de experiências e do diálogo fizeram com que estes estivessem dispostos à construção de relações pautadas no respeito, no compartilhamento, na solidariedade e na escuta. Sendo assim, a vivência foi transformadora para a realidade da Escola UMEF “Reverendo Antônio da Silva Cosmo”, vindo de encontro com os pressupostos de construção da Cultura da Paz.

A seguir, ficam os registros dos encontros, como forma de expressar visualmente a importância das trocas construídas ao longo do percurso.

Figura 1. Reunião inicial *online* dos círculos de diálogo da UMEF “Reverendo Antônio da Silva Cosmo”, em 02/07/2020

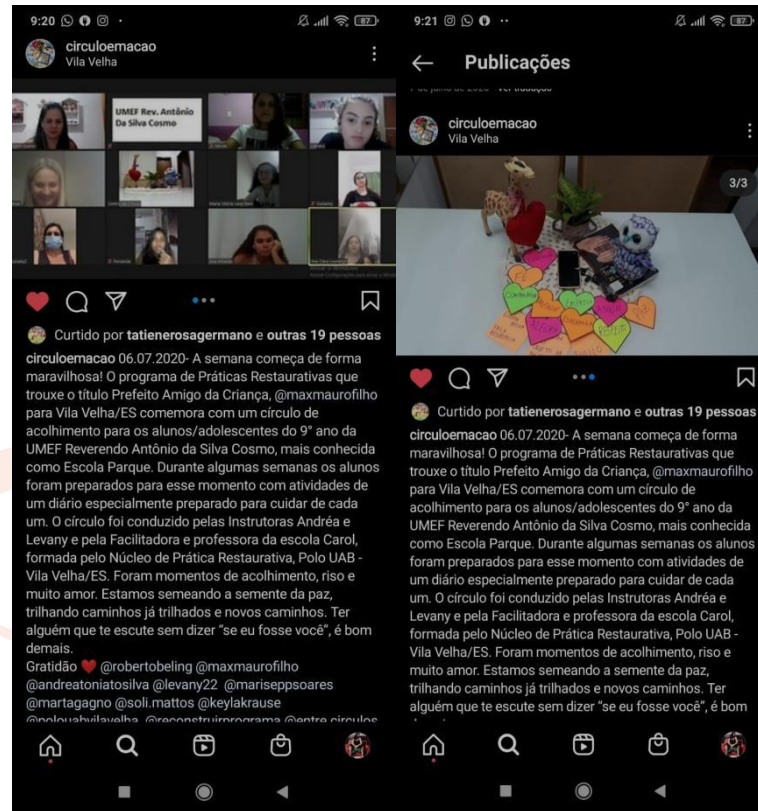


Fonte: página instagram @circuloemacao, 2022.

A primeira imagem retrata a reunião inicial, na qual a pesquisadora, juntamente com as instrutoras de círculos de diálogo do núcleo de práticas restaurativas do Polo UAB/ Vila Velha

– ES. Andréa e Levany. Neste momento pudemos discutir sobre o projeto, bem como nossas perspectivas e anseios quanto a importância da realização do Círculos para a os estudantes, a Escola e a comunidade, considerando que, este seria um divisor de águas na realidade local.

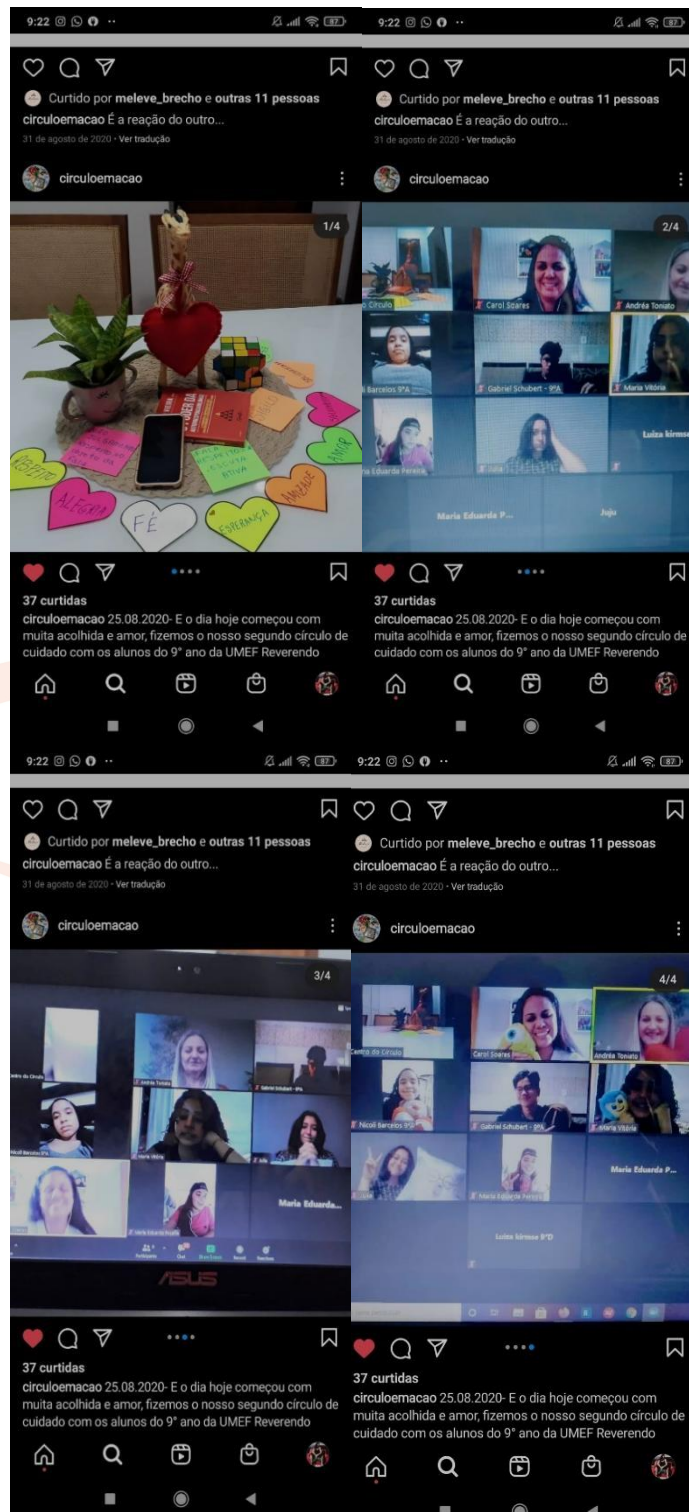
Figura 2. Primeiro círculo de diálogo realizado para alunos do 9º ano Escola UMEF “Reverendo Antônio da Silva Cosmo”, em 06/07/2020



Fonte: página instagram @circuloemacao, 2022.

Tais fotos são resultado do primeiro círculo de diálogo, realizado no dia 06 de julho de 2020, com a turma do 9º ano da UMEF Reverendo Antônio da Silva Cosmo, após a atividade de escrita dos diários. Todo o processo foi documentado a partir de publicações expostas no *Instagram @circuloemacao*, também como forma de aproximar ainda mais os estudantes do processo visto que as mídias digitais se configuram hoje como importante meio de interação social.

Figura 3. Segundo círculo de diálogo realizado para alunos do 9º ano Escola UMEF “Reverendo Antônio da Silva Cosmo”, em 25/08/2020

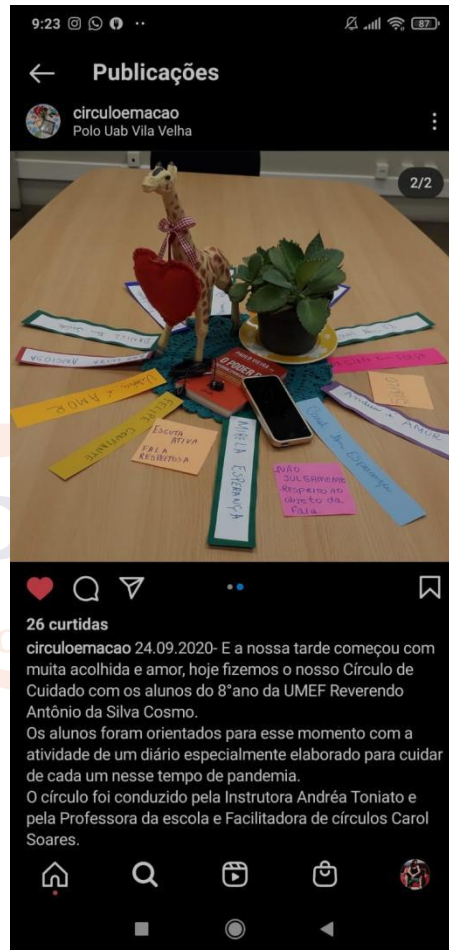


Fonte: página instagram @circuloemacao, 2022.

O segundo círculo foi realizado no dia 25 de agosto de 2020, com a mesma turma do 9º ano da UMEF Reverendo Antônio da Silva Cosmo. Nas primeiras imagens é possível observar a acolhida com palavras de afeto que guiaram à prática circular. Após, pode ser observado os

estudantes apresentando para o grupo seus objetos de identificação, escolhidos como objetos da palavra, o qual dá a vez e a voz para cada sujeito expressar seus desejos, opiniões e anseios durante o diálogo.

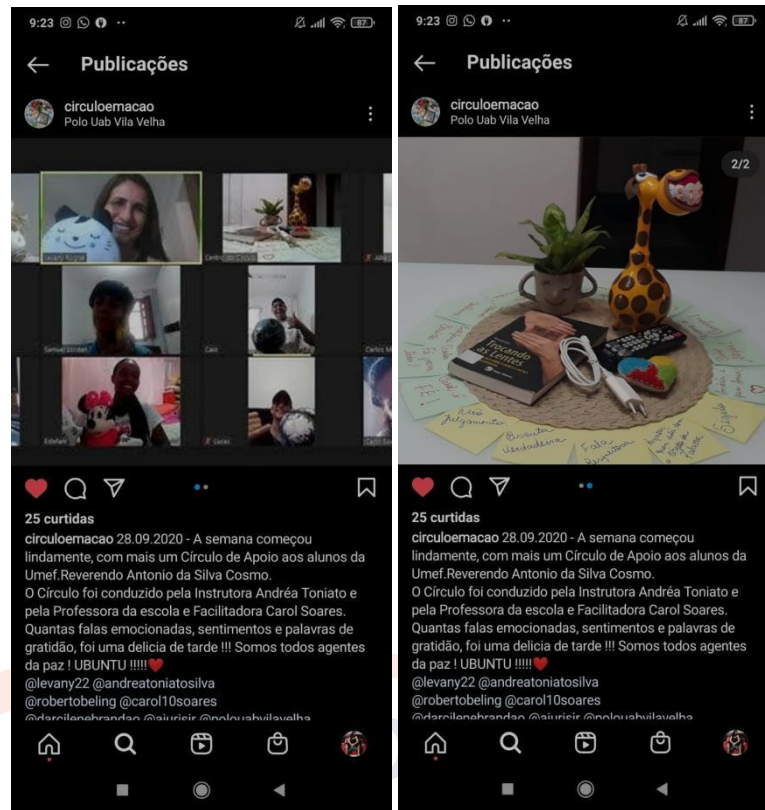
Figura 4. Círculo de diálogo para a turma do 8º ano da UMEF “Reverendo Antônio da Silva Cosmo”, em 24/09/2020



Fonte: página instagram @circuloemacao, 2022.

No dia 24 de setembro a realização do círculo foi estendida para a turma do 8º ano da UMEF Reverendo Antônio da Silva Cosmo. Neste primeiro momento, as discussões ocorreram a partir das demandas trazidas pelos próprios estudantes as quais também foram elucidadas através da escrita de um diário, principalmente para serem trabalhados os conflitos decorrentes do momento pandêmico.

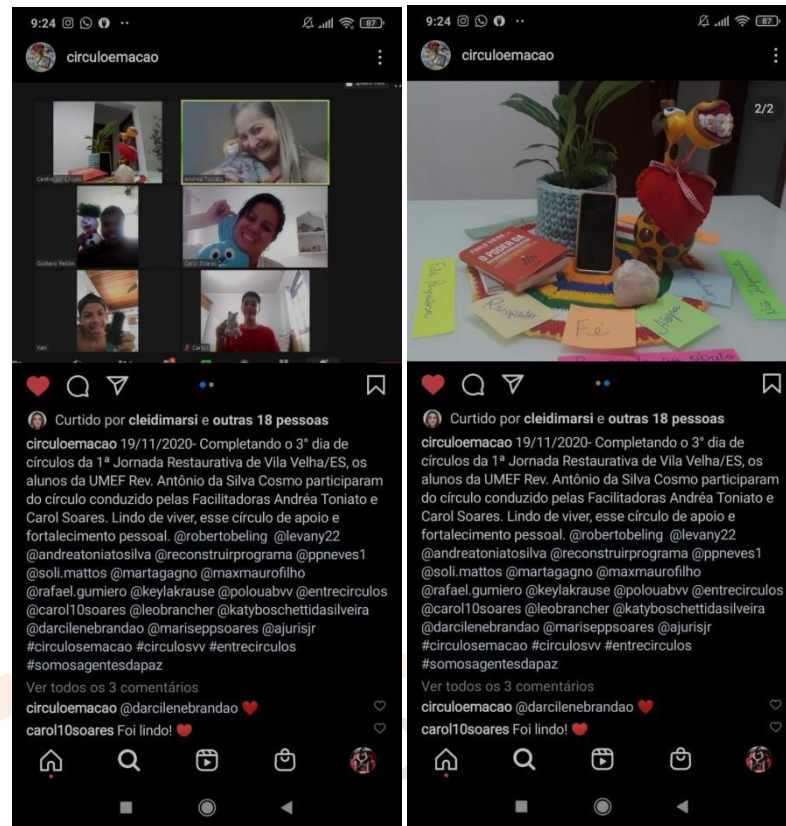
Figura 5. Círculo de diálogo para a turma do 8º ano da UMEF “Reverendo Antônio da Silva Cosmo”, em 28/09/2020



Fonte: página instagram @circuloemacao, 2022.

O encontro do dia 28 de setembro refere-se à realização de um “Círculo de Apoio”. Nesta prática circular, os alunos/as alunas tiveram um espaço aberto para trazer para o diálogo os conflitos que os infringiam, na busca por uma ressignificação das dificuldades e construção de sujeitos seguros em expressar o que sentem de mais profundo.

Figura 6. Terceiro círculo de diálogo realizado para alunos do 9º ano Escola UMEF Reverendo Antônio da Silva Cosmo, 19/10/2020



Fonte: página instagram @circuloemacao, 2022.

O terceiro círculo realizado com os alunos/as alunas do 9º ano ocorreu no dia 19 de novembro de 2020, no qual a prática circular este voltada para o fortalecimento pessoal dos adolescentes, criando espaço em que os diálogos favoreciam o autorreconhecimento como uma parte fundamental para o enfrentamento aos conflitos internos e externos aos sujeitos, visto que, o primeiro passo para se construir um ambiente de paz é estar em paz com sua própria existência.

2.3 Relato da experiência construída

Este espaço do estudo está dedicado a elucidar, a partir dos relatos dos próprios estudantes, a experiência vivenciada com processos circulares. Permitir que estes tenham voz e vez, não é só um dos principais pressupostos dos círculos de diálogo, mas fazem parte de um processo de construção de sua identidade, coloca-os em uma posição de sujeito de direito, fazendo com que se sintam parte da realidade no qual estão inseridos não de forma coadjuvante, mas de forma ativa.

Nesse sentido, entremeando-se nos relatos por eles aclamados, propõe-se um movimento de reflexão sobre o eixo teórico respaldado nas propostas de Kay Pranis, quando se trata dos círculos de diálogo, as experiências construídas pelos estudantes e as impressões levantadas durante o processo. As discussões levando em consideração todos os sujeitos que fazem parte de uma vivência, contribuem com um olhar holístico para com o fenômeno, e sendo assim, vão de encontro com o que se propusera com este estudo.

2.3.1 Ensino Religioso e a temática da paz: a diversidade religiosa

Um das principais dúvidas que concernem à docência do Ensino Religioso nas escolas, segundo Patrícia Tostes, é em relação a como propor conteúdos e práticas sem proselitismos, com discussões referentes à diversidade religiosa¹⁰⁴. O principal ponto a ser pensado sobre a problemática seria sobre a formação docente, a qual deveria responder a tal questionamento, articulando-se às prerrogativas impostas pela BNCC, no que se diz respeito aos conteúdos trabalhados na disciplina.¹⁰⁵

Sobre tais pressupostos presentes na normativa da BNCC, reitera-se que o documento prevê as discussões sobre a diversidade religiosa no âmbito da disciplina de Ensino Religioso como uma competência geral¹⁰⁶. Nesse sentido, é imprescindível que no planejamento pedagógico tal questão seja pensada para que os conteúdos propostos para o componente curricular venham de encontro com tais necessidades.

Quanto à formação pedagógica, cabe um parêntese sobre a regulamentação para o exercício do componente curricular Ensino Religioso, o qual é extremamente recente, mais especificamente do ano de 2018, no qual foi homologado, nas Diretrizes Nacionais Curriculares, o curso de Licenciatura em Ciências da Religião¹⁰⁷, pela Resolução CNE/CP n.5/2018. Ainda, o parecer CNE/CP 12/208, o qual discorre sobre as bases de tal Resolução, aponta que as Ciências da religião são responsáveis pelo fenômeno dos estudos religiosos, e para tal são necessárias epistemologia e metodologias diferenciadas de outras áreas do saber.¹⁰⁸

A partir do exposto, fica claro a falta de uma orientação específica sobre os conteúdos a serem trabalhados na disciplina. Para suprir a falta de normatização mais consistente que dê

¹⁰⁴ TOSTES, Patrícia da Silva Gouvêa. Ensino Religioso e a Diversidade Religiosa: Perspectivas n Município de Vila Velha/ES. In: PURIFICAÇÃO, Marcelo Máximo; RIBEIRO, Vagno Batista; PEREIRA, Vanessa Alves (orgs.). *Teologia, Política e Religião*. Ponta Grossa: Atena, 2020. p. 34.

¹⁰⁵ TOSTES, 2020, p. 34.

¹⁰⁶ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p. 438.

¹⁰⁷ TOSTES, 2020, p. 34.

¹⁰⁸ TOSTES, 2020, p. 34.

conta da demanda pedagógica que concerne à Ciência da Religião, cada Estado e Municípios organiza o percurso formativo relacionado a disciplina de Ensino Religioso, muitas vezes com o investimento na formação continuada que dê conta de suprir as demandas quanto à temática.¹⁰⁹

Nesse sentido, quando se trata da realidade de Vila Velha, o cenário é positivo, visto que, tanto Estado quanto Município estão implicados de forma consistente em garantir a capacitação dos educadores para o campo do Ensino Religioso, isto desde o magistério, de acordo com a Lei complementar n. 019/2011, datada de 04 de novembro de 2029, a qual dispõe que o município garantirá a realização de encontros periódicos que visem a formação continuada na área de conhecimento.¹¹⁰

Dentro da Formação Continuada, observa-se a necessidade de mais encontros com objetivos específicos para melhor atender as demandas existentes do dia a dia. Com isso, foi feita uma ação de convidar àqueles professores que quisessem contribuir com estudos, elaborações de projetos, seminários, palestras, organizações de eventos e visitas técnicas, entre outras possibilidades de trabalho, para atuar no Grupo de Estudo/ Pesquisa de Ensino Religioso do município de Vila Velha/ES, que conta com a presença da Coordenadora da Formação Continuada; da Formadora de Ensino Religioso e de mais 11 professores de dessa disciplina, conforme CI 251/2019 do dia 03/09/2019, assinada pelo subsecretário Pedagógico da SEMED Maurício Gorza.¹¹¹

A partir de tais regulamentações, fica evidenciado o investimento em uma formação adequada para a docência do Ensino Religioso no Município de Vila Velha. Então, essa realidade faz com que à temática possua uma importância ímpar, principalmente no que diz respeito às discussões a serem levantadas em sala de aula, que são atribuídas ao campo do Ensino Religioso. Sendo assim, a diversidade religiosa ganha um espaço confiável nos debates.

A diversidade religiosa encontra-se presente no contexto da sociedade brasileira, uma vez que é resultado das inúmeras influências culturais e religiosas que marcaram o processo de colonização do país. Nesse âmbito, o Ensino Religioso é importante no espaço escolar como espaço para discussões referentes a diversidade cultural e religiosa no Brasil, com enfoque no diálogo e no fortalecimento do respeito mútuo. A partir de então, tem-se não só a constituição da identidade dos sujeitos a partir do conhecimento, mas a constituição de cidadãos mais respeitosos e tolerantes.¹¹²

¹⁰⁹ TOSTES, 2020, p. 34.

¹¹⁰ TOSTES, 2020, p.34.

¹¹¹ TOSTES, 2020, p. 35.

¹¹² MARTINS, Nathália Ferreira de Sousa. A diversidade religiosa e a laicidade no Brasil: questões sobre o ensino religioso escolar. *Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da UFJF*, v. 14, n. 1, p. 110-124, 2017. p. 122.

Gisela Streck¹¹³ coloca que o Ensino Religioso, no contexto escolar, por estar inserido em uma realidade plurirreligiosa, na qual a principal característica é a diversidade, possui um desafio em relação à prática disciplinar. Sobre tal questão, a autora então coloca que o principal aspecto a ser discutido quanto ao papel da disciplina na escola é a questão da formação no ser humano, no que cerne ao sentido da vida.

Então, a partir de tais questões, é possível compreender que o campo do Ensino Religioso nas escolas, tem como um de suas principais propostas, e ainda, como um desafio, promover à tolerância à diversidade religiosa. Levando em consideração os pressupostos atrelados à promoção da Cultura de Paz e do componente curricular de Ensino Religioso, tem-se uma relação constante entre questões subjetivas da formação humana, como o autoconhecimento, construção de uma consciência cidadã no qual o diálogo e o respeito prevalecem, e como resultado, o respeito à diversidade, seja ela qual for.

A respeito dos professores e professoras, uma formação que leve ao equilíbrio de tais prerrogativas é fundamental, visto que, a mediação destes conceitos no dia a dia escolar faz com os jovens se sintam motivados a prosseguir por um caminho de paz e respeito às diferenças. Nesse sentido, a partir das práticas que forma propostas com as turmas que participaram desta pesquisa ação, foi possível observar tal construção. Durante o processo, os/as estudantes estavam mais abertos em relação a si mesmo/a e aos/às outros/as, puderam se reconhecer como diferentes, porém como parte de um todo.

Ainda, sobre o papel do(a) educador(a) nesta realidade:

O desafio para quem educa é colocar-se a caminho com os jovens, como um companheiro de jornada, que ouve, dialoga, orienta, pois nesta fase da vida, os valores e a própria religiosidade ainda não são definitivos, mas estão em formação. Na busca por sentido de vida e entendimento de si mesmos, necessitam de pessoas que queiram ouvi-los, antes de falar; que estejam dispostas a entendê-los, antes de trazer verdades prontas, e que estejam imbricadas de realidades e do cotidiano de suas vidas¹¹⁴.

Verifica-se, dessa maneira, que as relações entre educador(a) e professor(a) propiciam um espaço de segurança para o aluno gerando um movimento de diálogo e respeito em seus entornos. A seguir, serão feitas considerações sobre a realização dos círculos para a promoção da cultura da paz na escola, na comunidade e nos próprios sujeitos em si entrepondo as experiências construídas com a construção teórica sobre a temática.

¹¹³ STRECK, Gisela Waechter. O Ensino Religioso e a diversidade religiosa no Brasil: Desafios para a educação. *Revista Pistis Praxis*, v. 4, n. 1, p. 262-276, 2012. p. 263.

¹¹⁴ STRECK, 2012, p. 272.

2.3.2 Círculos de diálogo relacionados a conflitos na/da escola: por uma escola em paz

O ambiente escolar é um nicho para o desencadeamento de conflitos. Os episódios de violência nas instituições são frequentes e denotam a realidade vivenciada fora delas, nesse sentido, o espaço escolar, enquanto formador de crianças e jovens, é convidado a contribuir na superação desta realidade, na busca por uma sociedade mais justa e igualitária¹¹⁵.

Nesse sentido, o olhar para a educação precisa ir além da simples transmissão de conteúdo, visto que, construir um ambiente no qual florescem relações saudáveis demanda um processo complexo de mudanças de paradigmas. Sobre tal afirmação, o papel da escola assume uma concepção diferenciada, pautada na construção do sujeito, no sentido de humanização, não de acúmulo de conhecimentos¹¹⁶.

Sendo assim, a construção de uma cultura de paz na escola, que venha de encontro com o objetivo de humanização dos sujeitos e das relações, é irrefutavelmente perpassada pelo diálogo, o qual, nesse estudo foi incentivado a partir da realização das atividades circular. Como já fora exposto, devido ao momento pandêmico os círculos não puderam ser realizados de forma presencial, porém, a partir de plataformas digitais o espaço de diálogo pode ser viabilizado.

A realização das atividades circulares no contexto escolar tem como objetivo a resolução dos conflitos que emanam nestas instituições, criando um ambiente de trocas harmoniosas e respeito mútuo. A construção de um local no qual há uma convivência amistosa não contribui só para a aprendizagem em si, mas faz com que as experiências construídas ali sejam refletidas para fora dos muros.

Para que esta realidade ocorra, é importante refletir sobre a mediação. Nesse sentido, a figura de uma pessoa responsável por intermediar a resolução dos conflitos a partir do diálogo é fundamental¹¹⁷. Sobre o papel do(a) mediador(a), que é então considerado um facilitador(a), busca-se uma solução para os conflitos emergentes a partir de um processo no qual há o diálogo entre ambas as partes na busca por recursos que venham a contribuir com a harmonia e o respeito.¹¹⁸

Sobre este processo:

A facilitação não pode ser compreendida como uma forma simplista na resolução de conflitos. Sua função vai além dessa prerrogativa, correspondendo a vários conceitos

¹¹⁵ MACÊDO, 2012, p. 119.

¹¹⁶ MACÊDO, 2012, p. 120.

¹¹⁷ AMARAL; RAMOS, 2018, p. 31.

¹¹⁸ AMARAL; RAMOS, 2018, p. 31.

envolvidos, como: comunicação, acordo e transformação, sendo um espaço de escuta, diálogo e promoção da cidadania.¹¹⁹

O afastamento das atividades escolares de forma presencial teve um forte impacto nas relações entre os sujeitos, visto que, a convivência física ficou estagnada durante um longo tempo, criando situações de estresse nos estudantes frente a impossibilidade de um contato próximo e afetivo entre eles. Aproveitando este momento, pode-se trabalhar a importância da convivência nos espaços escolares e a representatividade que este possui na vida dos jovens.

Um dos pontos mais importantes em relação ao trabalho da temática da Cultura da Paz no ambiente escolar é quanto a formação de jovens facilitadores. As discussões em torno da resolução de conflitos dentro da escola, com o enfoque em formar sujeitos comprometidos em continuar os processos de mudança mesmo após a intervenção através do nosso projeto faz com que os objetivos em relação a criação de um ambiente de paz só podem ser garantidos se, além de um trabalho pedagógico consistente, sejam plantadas sementes no coração dos alunos, as quais possam florescer e trazer bons frutos para a realidade escolar.

2.3.3 Círculos de diálogo relacionados a conflitos extraescolares: por uma comunidade em paz

A educação é um processo complexo que envolve cultura, valores, princípios, formação do ser humano. Os conteúdos que concernem à educação são construídos a partir da experiência e relações entre os humanos, os quais culminam em um processo de aprendizagem constante. Nesse sentido, “como a existência humana não é garantida pela natureza, ela tem que ser produzida historicamente pelos homens e aí se inclui o próprio homem”¹²⁰.

A partir de tais concepções, é possível compreender que os processos de aprendizagem não se fazem sozinhos, é necessário que estejam atrelados a um complexo sistema, no qual toda a sociedade deve estar envolvida. A partir daí, constrói-se a certeza de que a mudança só pode ser alcançada a partir do conjunto, ou seja, é necessário que as transformações, mesmo que iniciadas em um pequeno espaço, sejam perpetuadas para as comunidades.

Segundo Boyes Watson e Pranis, os círculos de diálogo voltados para a resolução de conflitos fora do ambiente escolar envolvem família e comunidade, tendo como objetivo criar uma consciência de que todos estão interligados, e nesse sentido, aumentar a confiança em

¹¹⁹ AMARAL; RAMOS, 2018, p. 31.

¹²⁰ MACÉDO, 2012, p. 122.

relação à capacidade em realizar as mudanças necessárias, e que estas, não ocorram de maneira pontual, mas sim, sejam perpetuadas ao longo do tempo.¹²¹

Pensar como sujeito pertencente a uma teia faz com que seja possível entender que as mudanças que tantos ansiamos depende de nós, mas também daqueles que nos cercam, e nesse sentido, os círculos permitiram este reconhecimento e para além dele, foi possível pensar em maneira de mudar os contextos nos quais os estudantes estavam inseridos. Fazê-los pensar como membros de um todo e propor soluções possíveis e criativas para os conflitos que emergem fora da realidade escolar é um passo fundamental para que as transformações realmente ocorram.

Sobre os círculos e as comunidades:

Não há poder maior do que uma comunidade descobrindo o que lhe importa. Pergunte: “O que é possível?” e não “O que está errado?”. Continue perguntando. Perceba aquilo que importa para você. Suponha que muitos outros compartilhem o seu sonho. Seja corajoso o suficiente para iniciar conversas que tenham significado. Converse com as pessoas que você conhece. Converse com pessoas que você não conhece. Converse com pessoas com quem você nunca conversa. Fique intrigado com as diferenças que você ouvir. Espere ser surpreendido. Valorize a curiosidade mais do que a certeza. Convide a todos que se importam para trabalhar no que é possível. Reconheça que todos são especialistas em alguma coisa. Saiba que soluções criativas surgem de novas conexões. Lembre-se, você não teme as pessoas de quem você conhece as histórias. Escutar de verdade sempre aproxima as pessoas. Confie que conversas significativas possam mudar o seu mundo. Conte com a bondade humana¹²².

A partir desta proposta para abertura dos círculos de diálogo com a comunidade é possível compreender a importância de um olhar aberto para o outro é um propulsor para construção da paz da comunidade. Então, para que este processo ocorra é primordial que cada sujeito esteja em paz consigo mesmo, para que assim, este sentimento transborde para além dos muros pessoais e da escola, ou seja, vá em direção do contexto vivenciado por cada estudante, e sendo assim, faz-se necessária a construção da paz interna.

2.3.4 Círculos de diálogos e o autoconhecimento: Os sujeitos em paz consigo mesmos

O autoconhecimento é um processo complexo, que exige olhar para dentro de si em um movimento de reconhecer suas dificuldades e potencialidades. Os círculos de construção da paz buscam principalmente, a partir da compreensão do “eu verdadeiro”, no que temos de mais

¹²¹ BOYES-WATSON, Carolyn PRANIS, Kay. *No coração da esperança: guia de práticas circulares: o uso de círculos de construção da paz para desenvolver a inteligência emocional, promover a cura e construir relacionamentos saudáveis*. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, Departamento de Artes Gráficas, 2011. p. 121.

¹²² BOYES-WATSON; PRANIS, 2011, p. 240.

profundo, por trás das máscaras que muitas vezes carregamos, emanar os sentimentos de bondade e solidariedade¹²³.

Sujeitos saudáveis e em paz consigo mesmo são capazes de criar vínculos afetivos e relacionamentos saudáveis. Os círculos de paz buscam isso, um espaço para que os participantes possam se sentir acolhidos e então, se expressar de maneira segura, criar conexões saudáveis, nos quais os estudantes possam ser apoio um para o outro, e vivam em um ambiente de positividade, o qual venha a fortalecer também a família e a comunidade, para além do círculo¹²⁴.

Assim, os questionários enviados para os estudantes a serem respondidos em forma de diálogo priorizavam justamente isso: construir um espaço de confiança, no qual os estudantes estivessem dispostos e seguros para compartilhar o que há de mais profundo em cada um/a.

Esta experiência trouxe frutos positivos na construção da paz dos sujeitos, a tentativa de promover um espaço para que eles pudessem se abrir e dialogar sobre o que julgaram necessário fez com que fosse construída uma esfera positiva, a qual tente a permutar no futuro e ainda, abre um meio para novas possibilidades. Nesse sentido, é importante trazer alguns relatos da experiência construída, pela voz dos próprios sujeitos, conforme o enunciado a seguir:

O encontro foi incrível, foi muito divertido. No dia eu não estava tão bem. Me sentindo triste e sozinho, mas o círculo me animou. Espero que tenha outros¹²⁵

Eu me senti bem porque eu tinha um lugar para expressar meus sentimentos sem me sentir mal por isso. Eu sou uma pessoa muito fechada que não consigo falar dos meus sentimentos pra ninguém. E quando falo, me sinto extremamente mal por isso. Então esse projeto me ajudou a descarregar as minhas emoções e os meus sentimentos de alguma forma e sem me sentir mal com isso. Na verdade, eu me senti livre. Não foi uma coisa que continuei fazendo, mas foi algo que me ajudou por um tempo.

Foi uma experiência maravilhosa e eu só tenho elogios. Espero que tenham mais experiências como essa e que as próximas possam ser presenciais.¹²⁶

A partir destes relatos é possível elucidar a importância do projeto a partir do que os estudantes trazem à tona. A experiência do círculo proporcionou nos sujeitos participantes os sentimentos pelos quais sua realização foi proposta, um espaço no qual tivessem a oportunidade de se expressar e que se sentissem seguros para tal. Os sujeitos envolvidos nos círculos de paz que muitas vezes se sentiam mal consigo mesmo, por diversos motivos, ou mesmo nunca gostaram de trazer à tona seus anseios, dificuldades e insatisfações encontraram no círculo um lugar no qual poderiam expressar seus sentimentos mais profundos sem serem julgados.

¹²³ BOYES-WATSON e PRANIS, 2011, p. 22.

¹²⁴ BOYES-WATSON; PRANIS, 2011, p. 16.

¹²⁵ SAMUEL DE ANDRADE ZORDAN, 8º ANO A.

¹²⁶ REBECCA QUERUBINO DE ANDRADE, 9º ANO C.

Essa é a verdade que se almeja para o futuro e o que se acredita ser fundamental para a construção da Cultura da Paz. Levando em consideração o que se desenvolveu ao longo deste estudo, no qual inicialmente foi fundamentado no aporte teórico que guiou todo o processo de realização deste projeto, trazendo os conceitos sobre a Cultura da Paz e sua relação com o Ensino Religioso. Assim como os pressupostos norteadores, os quais são raízes da justiça restaurativa e podem ser concretizados pela realização dos círculos da paz, acredita-se que sementes foram plantadas com sucesso, fato que pode ser visualizado pelos depoimentos expostos.

O primeiro passo de todo esse processo, abrir um espaço para que os sujeitos possam construir suas identidades pautados em valores como respeito, justiça, empatia e solidariedade, a partir do autoconhecimento e do diálogo foi conquistado. Nesse sentido, abriu-se uma porta para a continuidade do processo, indo para além dos horizontes da escola, entrando na comunidade e construindo uma esfera de paz no contexto destes estudantes.

A experiência foi positiva, e trouxe à luz a necessidade quanto a estender o projeto para mais escolas, visto que, o Ensino Religioso é um espaço fundamental para que ações nesse sentido aconteçam. Trabalhos como este visa contribuir para a mudança de alguns paradigmas na educação e na sociedade, colocando a importância histórico e social do Ensino Religioso para com a construção de uma identidade nos sujeitos, promovendo a Cultura de Paz e impulsionando mudanças concretas.

3 AVALIAÇÃO DOS LIMITES E AVANÇOS DA EXPERIÊNCIA A PARTIR DA VOZ DOS DIVERSOS SUJEITOS

O presente capítulo atribui-se da realização da avaliação da experiência construída pela parceria entre a disciplina de Ensino Religioso e a Cultura da Paz, destacando-se quais foram os principais avanços conquistados ao longo do projeto bem como, os limites que abarcaram tal processo.

A primeira sessão traz à luz os instrumentos e técnicas de pesquisa utilizados para a realização da avaliação da experiência construída ao longo da aplicação do projeto na UMEF “Reverendo Antônio da Silva Cosmo”. Na segunda sessão foram construídas considerações sobre a parceria entre Ensino Religioso e Cultura da Paz pelo olhar dos estudantes participantes do projeto, destacando sua importância para a promoção de mudanças nos sujeitos envolvidos. A terceira sessão dedica-se a discutir a parceria Ensino Religioso e Cultura da Paz a partir do olhar dos profissionais da Escola, refletindo sobre como a experiência pode gerar frutos para projetos futuros. Por fim, a quarta sessão traz considerações sobre a parceria estabelecida pelo viés das famílias, as quais possuem um papel fundamental no processo, lançando frutos para as futuras gerações na construção da Cultura da Paz.

3.1 Instrumentos e técnicas de pesquisa usados para a avaliação da experiência

Nesta sessão serão apresentados os instrumentos, bem como, as técnicas de pesquisa utilizadas para a realização da avaliação da experiência construída ao longo do projeto, o qual propôs o entrelace entre a disciplina de Ensino Religioso e a Cultura da Paz. Refletir sobre o percurso traçado durante a pesquisa, considerando a opinião de todos os participantes, permite compreender quais foram as possibilidades de crescimento e os frutos gerados pelo trabalho, mas também, abre espaço para que se possam ser pensadas soluções para as dificuldades encontradas no processo como também seus limites.

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa ação. Conforme discutem Michel Jean e Maria Madalena, a educação é norteada pela diversidade e nesse sentido, as metodologias utilizadas na formação dos professores devem acompanhar a complexidade trazida pelos diversos grupos que compõe a realidade educacional, considerando as diferenças culturais, sociais, de gênero, de etnia, de religião, de sexualidade, entre outras¹²⁷.

¹²⁷ MARIE THIOLENT, Michel Jean. COLETTE, Maria Madalena Pesquisa-ação, formação de professores e diversidade. 2014, p. 208. [online]

Considerando o atual contexto da globalização, entende-se que deve ocorrer espaços para que as minorias possam expressar suas ideias ao mesmo tempo que a cultura mercantilista vai de encontro, numa tentativa de uniformizar o conhecimento. Tal contradição resulta em um movimento de redução da diversidade cultural através da padronização e mercantilização da cultura e da educação, fazendo com que haja a marginalização das culturas locais e regionais¹²⁸.

Assim sendo, o presente trabalho pode ser concebido como um instrumento que contribui para a elucidação de ações de grupos que, na contramão do processo de homogeneização da sociedade, buscam lutar contra a discriminação fazendo prevalecer a liberdade de expressão de cada sujeito. Quando aproximada à realidade pedagógica, esta metodologia de pesquisa vem sendo cada vez mais utilizada nos mais diversos níveis de ensino, podendo se tornar uma proposta de trabalho que interage com o currículo em sala de aula¹²⁹.

Nesse sentido e considerando o eixo temático da pesquisa, a escolha da pesquisa como aporte metodológico é fundamental na construção deste estudo, visto que, não busca somente o conhecimento do tema ou de uma realidade específica, mas sim, permite ao sujeito pesquisador implicar-se sobre esta realidade de modo a conhece-la mais profundamente e, a partir de então, promover ações que se proponham a permitir que transformações mais profundas aconteçam, oferecendo novas possibilidades aos participantes, neste caso estudantes, pais e profissionais da UMEF “Reverendo Antônio da Silva Cosmo”.

Ainda sobre a pesquisa ação:

Os processos participativos, à primeira vista, são mais trabalhosos do que a transmissão e assimilação de conteúdos prontos, requerem tempo, envolvimento e atenção a cada passo da ação educativa. Entretanto, entendemos que a participação em uma pesquisa-ação, além de ganhos simbólicos, possibilita aos atores desenvolver e promover hábitos críticos construtivos, tão necessários na gestão e na produção de conhecimentos adequados. Nessa perspectiva, a diversidade cultural dos participantes, de seus comportamentos e formas de expressão, tem de ser respeitada e fortalecida. Isso constitui uma forma de resistência ao modelo neoliberal imposto, cuja lógica responde antes a interesses econômicos e políticos de entidades externas, do que à melhoria da vida cotidiana de professores e estudantes¹³⁰.

Neste contexto, Laudelino e Ada apontam a pesquisa-ação como uma metodologia que busca preencher lacunas entre teoria e prática, assumindo a partir desse viés um caráter político e social, permitindo que o participante expresse sua percepção principalmente em relação à realidade vivenciada, suas lutas e meios de emancipação. Assim sendo, a partir da cooperação

¹²⁸ MARIE THIOLENT e COLETTE. 2014. p. 208.

¹²⁹ MARIE THIOLENT e COLETTE. 2014. p. 208.

¹³⁰ MARIE THIOLENT e COLETTE. 2014. p. 208.

conjunta entre participantes e pesquisadores buscam-se a elucidação de ações que visem atender às demandas coletivas específicas da realidade em questão¹³¹.

Assumindo esta perspectiva, em que há uma função política e social na pesquisa, a qual se compromete principalmente na transformação da realidade em questão, é imprescindível que durante o processo se constitua uma ação planejada, um objeto de análise, deliberação e posteriormente a avaliação da proposta empregada. O papel da avaliação na pesquisa-ação é então fundamental, visto que, a partir dela, abrem-se espaços para que os participantes emitam suas opiniões sobre o processo, fazendo com que a pesquisa não seja somente objeto de discussão do pesquisador, mas de todo o grupo¹³².

Os sujeitos investigados não querem ser vistos como ratos de laboratório, mas como indivíduos ativos e interessados em compreender o seu papel e a decidir sobre os acontecimentos e mudanças do seu meio. Essa nova conjuntura recusa a neutralidade das pesquisas requeridas por um cientificismo positivista, recusando dessa forma o afastamento e a frieza onisciente do pesquisador em relação ao seu objeto de estudo; os sujeitos alvos da pesquisa querem um retorno dos resultados obtidos¹³³.

A partir de tais considerações, as quais ressaltam a importância da avaliação das ações propostas em uma pesquisa que assume a concepção de pesquisa-ação, ao final da realização dos círculos sugeriu-se aos participantes, sejam eles os estudantes, pais ou profissionais da UMEF “Reverendo Antônio da Silva Cosmo”, o preenchimento de um questionário com perguntas pré-elaboradas (Apêndices B1 e B2), com o intuito de avaliar as implicações do projeto, bem como, seus limites e dificuldades. É importante ressaltar que todos os participantes da pesquisa assinaram, previamente a todas as ações propostas, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C), como forma de assegurar a voluntariedade e a liberdade de participação dos sujeitos.

A escolha da aplicação de um questionário como instrumento de avaliação das ações propostas se deve inicialmente à situação sanitária provocada pela pandemia de Covid-19 no período da realização das ações propostas. O isolamento social promulgado à época não permitiu a concretização de encontros presenciais tanto na realização das práticas circulares como no período após a realização dos círculos. Sendo assim, sugeriu-se que os participantes respondessem às perguntas elaboradas pela autora, levantando as discussões pertinentes a cada questionamento e as enviassem para o fomento de reflexões futuras.

¹³¹ TANAJURA, Laudelino Luiz Castro. BEZERRA, Ada Augusta Celestino. Pesquisa-ação sob a ótica de René Barbier e Michel Thiollent: aproximações e especificidades metodológicas. 2015. p. 12-13 [online]

¹³² TANAJURA e BEZERRA. 2015. p. 13-15.

¹³³ TANAJURA e BEZERRA. 2015. p. 19.

A aplicação de questionário como forma de avaliação das ações propostas pode trazer certas divergências quanto sua efetividade, visto que, em grande parte das metodologias de pesquisa este instrumento se configura a partir de um viés unicamente quantitativo, ou seja, desconsidera a subjetividade dos dados colhidos, tornando a análise e as discussões rasas¹³⁴. Visto que apropriar-se de tal concepção iria contra as implicações propostas ao longo do presente estudo, no qual entremear-se na realidade dos sujeitos envolvidos é parte fundamental do processo, as discussões edificadas a partir da análise dos questionários buscaram ir além dos números, considerando as opiniões dos participantes de forma ampla e de acordo com o contexto situacional. Sobre este fato discorre-se:

Os aspectos relativos à apuração dos dados neste tipo de pesquisa devem ser levados em consideração. As taxas de não resposta, por exemplo, refletem na análise e devem ser consideradas como mais que simples ausências de opinião. É neste sentido que Bourdieu questiona a existência da opinião pública. A depender dos contextos em que se dão as aplicações, as características de gênero, nível de escolaridade, situações de conflito político ou ético irão influenciar e determinar respostas. A variação das percepções é produzida a partir de um *ethos* de classe ou ética de classe, que pode levar a interpretações mais ou menos moralistas ou mais ou menos estéticas, por exemplo, de acordo com a posição social das pessoas¹³⁵.

Considerando tais pressupostos, nos quais todas as possibilidades em relação às respostas e discussões levantadas, os questionários aplicados foram diferenciados em relação ao público respondente: o primeiro foi para aplicação específica para os estudantes participantes do estudo e o segundo contou com um direcionamento para profissionais da escola e pais. Cada questionário contou com dez questões pré-definidas.

As questões aplicadas aos estudantes envolveram inicialmente o levantamento de dados referentes à idade e gênero. Após a identificação dos alunos, foram elucidadas perguntas referentes aos sentimentos causados nos estudantes pela pandemia de Covid-19, bem como suas reações frente a tantas mudanças emergentes a este contexto. Posteriormente os alunos foram indagados sobre as aulas de Ensino Religioso antes do período pandêmico, seguindo com questionamentos em relação à realização dos círculos de paz e às aproximações propostas entre a disciplina de Ensino religioso e a Cultura da Paz. Nesse questionário também foi fundamentada uma questão em relação a realização do trabalho de encerramento do projeto (o qual será apresentado na sessão posterior).

No questionário direcionado aos pais e profissionais da escola, inicialmente também foram elencadas questões sobre idade e gênero, bem como estado civil dos participantes. Na

¹³⁴ XAVIER, Alice Pereira. Uma visão antropológica da aplicação de questionários na pesquisa em educação. 2012. p. 294.

¹³⁵ XAVIER. 2012. p. 295.

sequência, indagou-se o tempo de atuação do sujeito na educação, além de questões específicas sobre o conhecimento destes participantes em relação ao trabalho dos facilitadores e participação efetiva em círculos da paz. Em seguida, foram abordadas perguntas referentes à ação prática nos círculos da paz bem como os sentimentos e os frutos gerados durante o processo, com uma questão específica para a avaliação da ação.

A partir do exposto até o momento, as próximas sessões serão dedicadas a elucidação de reflexões sobre a parceria entre Ensino Religioso e a Cultura da Paz na concepção dos estudantes, profissionais da escola e famílias, considerando as discussões levantadas a partir da realização dos trabalhos e através da aplicação dos questionários para avaliação das Experiência, os quais são fundamentais para que se possam ser pensadas futuras ações não só de continuidade na UMEF “Reverendo Antônio da Silva Cosmo” mas também a transposição para outras realidades escolares no Município de Vila Velha – ES.

3.2 A parceria entre Ensino Religioso e Cultura da Paz no olhar dos estudantes

Nesta sessão serão levantadas considerações sobre a experiência da parceria entre Ensino Religioso e Cultura da Paz pelo viés dos estudantes participantes da pesquisa, bem como a avaliação deste em relação às ações propostas pelo projeto. Dar voz e vez aos participantes, principalmente aos estudantes, é um dos objetivos principais deste estudo, visto que, é fundamental que estes se reconheçam como sujeitos de direito na sociedade para que a partir de então constituam dentro de si um olhar voltado à superação das diferenças e valorização da diversidade.

Sendo assim, inicialmente será apresentado o perfil dos estudantes da pesquisa, os quais dedicaram-se a responder o questionário de avaliação da experiência, os quais no total somaram trinta e três sujeitos: dezessete com quatorze anos ou mais de quinze; treze com treze anos; e três com doze anos. Quanto ao gênero, responderam ao questionário dezoito meninas e quinze meninos.

Refletindo sobre o número de estudantes que se propôs a responder o questionário é possível perceber que a ação conseguiu atingir um número considerável de alunos, visto que, o projeto abarcou somente quatro turmas do ensino fundamental. Nesse sentido, a principal discussão que se faz em relação a estes dados é de que a experiência foi capaz de atingir muitos alunos, visto que, mesmo sem a obrigatoriedade de resposta ao instrumento de avaliação muitos sujeitos sentiram-se dispostos a pensar sobre o processo, revelando o potencial de continuidade deste.

Ainda em relação à participação dos estudantes, abre-se parênteses sobre o fato de que este projeto aconteceu em grande parte durante um período pandêmico, no qual houve a necessidade de realização dos encontros através da modalidade *online*, a qual mesmo sendo cada vez mais presente na vida destes sujeitos, ainda impede uma aproximação mais profunda entre os participantes, no sentido de se estabelecerem trocas afetivas de olhares, abraços e compartilhamento de sentimento de maneira mais profunda.

As questões seguintes se incumbiram de compreender um pouco mais sobre o sentimento dos jovens neste período pandêmico, trazendo à tona suas principais inseguranças. Nesse sentido, as respostas se concentraram principalmente no sentimento de tristeza em relação à impossibilidade de um contato mais próximo com (a) amigo(a) e parentes além da perda de familiares e entes queridos. Outro medo revelado pelos alunos foi em relação à perda de emprego dos pais, visto que, a vulnerabilidade causada pela falta de aporte financeiro também gera consequências reais para os estudantes e suas famílias.

Conforme discutem Isadora Maria e Auvani Antunes, a infância e a adolescência são o período em que o ser humano mais sofre influência das experiências externas, pois é nessa fase que estão moldando seu comportamento, e nesse sentido, a interação e relações interpessoais são fundamentais para a constituição dos sujeitos, relações estas que ocorrem de maneira mais profunda no ambiente escolar¹³⁶.

[...]uma vez que as escolas consistem em um ambiente que permite a socialização das crianças fora do núcleo familiar, assim como seu desenvolvimento psicomotor e cognitivo, sendo ainda o local onde elas passam a maior parte do tempo durante o dia, logo com a paralisação das atividades escolares e a falta de interação com outras crianças, a falta destes têm o potencial de interferir na saúde mental dos estudantes. [...] as escolas além de atuarem como um espaço de aprendizagem do saber científicos, consistem também como importantes influenciadoras das habilidades sociais que uma criança necessita aprender [...]. O desenvolvimento dessas habilidades sociais permite que as crianças e adolescentes saibam como se relacionar e interagir em diferentes ambientes, permite que elas consigam lidar com os seus sentimentos, saibam como agir a uma agressão e consigam lidar com situações de estresse¹³⁷.

Considerando este contexto, além do fato de que estes jovens são nascidos em meio ao processo de globalização, o qual incentiva a utilização cada vez mais constante de meios digitais como fuga da realidade, permitir a estes alunos um espaço para descarregar suas angústias e inseguranças corrobora para que estes possam vivenciar uma experiência de acolhimento e pertencimento frente a uma situação traumática como a trazida pela pandemia de Covid-19 foi

¹³⁶ ALMEIDA, Isadora Maria Gomes. SILVA JÚNIOR, Auvani Antunes da. Os impactos biopsicossociais sofridos pela população infantil durante a pandemia do COVID-19. 2021. p. 2 [online]

¹³⁷ ALMEIDA e SILVA JÚNIOR. 2021. p. 2.

muito importante no sentido de permitir que os sujeito se sintam parte de um grupo, o qual compartilha de frustrações e medos semelhantes e ao mesmo tempo tão diferentes.

Na sequência do questionário, os estudantes foram indagados sobre a primeira ação do projeto que busca entrelaçar o Ensino Religioso e a Cultura da Paz: os diários. Poucos estudantes realizaram os relatos diários, outros começaram e não terminaram por motivos diversos. Os que conseguiram terminar, ficaram orgulhosos de si no sentido de estar escrevendo sobre um período histórico (triste) da nossa história e também de poder exprimir suas emoções e sentimentos em forma de escrita.

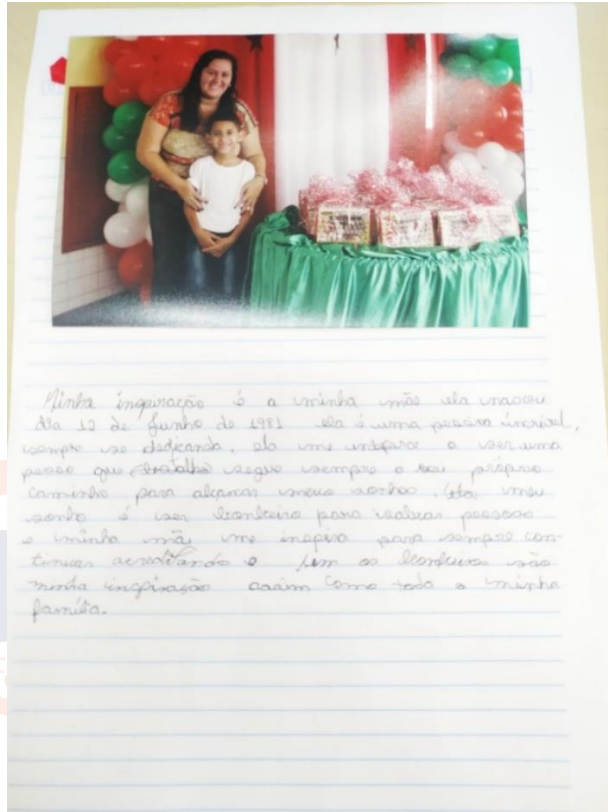
Quanto a realização dos círculos da paz, os estudantes reviram os(as) amigos(as) que por conta da pandemia, há tempos não viam, destacando-se assim a importância das relações estabelecidas no ambiente escolar. Grande parte dos estudantes referiu ainda gostar do objeto da palavra, visto que, ele lhes permitiu um lugar de fala sem interrupções. Outro ponto fundamental como objeto de reflexão é a segurança que estes alunos referiram sentir para exprimir suas emoções, pois não acontecia isso no ambiente familiar deles, nem antes da pandemia, nem durante, ressaltando ainda mais a importância da participação da família em futuras ações.

No questionamento sobre as temáticas mais importantes a serem abordadas nas aulas de Ensino Religioso, os estudantes propuseram trabalhar questões como a solidão e como não ficar com medo dela, trabalhar como filtrar as notícias que vinham por meio da TV e internet, visto que, estas tem interferido cada vez mais na vida dos jovens, moldando seus comportamentos e suas formas de enxergar o mundo, ressaltar a importância das relações de amizade, além de discussões sobre o futuro da sociedade.

Sobre as aulas de Ensino Religioso no formato dos círculos de paz, por unanimidade, os estudantes relataram que gostaram, seja porque isso ajudou a falar sobre as emoções, seja por trabalhar a autoestima, seja para passar o tempo de uma forma divertida, fato que mais uma vez denota o espaço aberto para futuras ações na disciplina de Ensino Religioso envolvendo os principais pressupostos da Cultura da Paz.

Seguindo a avaliação da experiência, os alunos foram questionados sobre a realização do trabalho de encerramento da ação, principalmente em relação aos sentimentos envolvidos na escolha de uma pessoa a qual considerassem uma inspiração. Muitos alunos fizeram o trabalho final: uma apresentação sobre “a pessoa inspiradora em minha vida”. Inicialmente o intuito era realizar a apresentação na mostra cultural da escola, permitindo um espaço ainda maior para que os alunos expusessem seus sentimentos, porém, como a escola ainda se encontrava em rodízio de alunos e distanciamento social, esta ação não se tornou possível, por

isso, as apresentações foram em sala, para os próprios colegas. Muitos fizeram o trabalho baseando-se em figuras já conhecidas. Grande parte, fez sobre pessoas próximas: pais, mães, avós, padrinhos e amigos e alguns serão apresentados na sequência destacando a importância da realização da atividade.

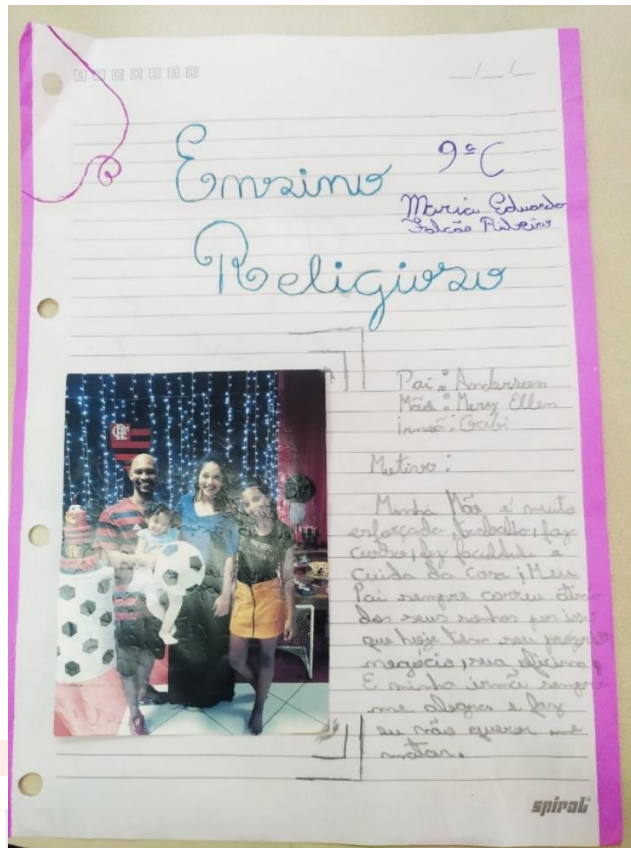


Trabalho do estudante Eduardo Gonçalves proposto em aula cujo tema “Pessoas Inspiradoras”
UMEF “Reverendo Antônio da Silva Cosmo”, 2021

Inicialmente os alunos escreveram um pouco sobre a biografia da pessoa escolhida como inspiração, trazendo dados como data de nascimento, profissão, entre outros, para depois descreverem o porquê essa pessoa lhe inspira. Na primeira foto a aluna traz a mãe como sua inspiração referindo:

“Ela é uma pessoa incrível, sempre se dedicando. Ela me inspira a ser uma pessoa que segue sempre seu próprio caminho para alcançar meu sonho. Meu sonho é ser bombeiro para salvar as pessoas e minha mãe me inspira para sempre continuar acreditando [...]”¹³⁸.

¹³⁸ EDUARDO GONÇALVES, 9º ANO B



Trabalho da estudante Maria Eduarda F. Ribeiro proposto em aula cujo tema “Pessoas Inspiradoras”
UMEF “Reverendo Antônio da Silva Cosmo”, 2021

Na segunda imagem, a aluna Maria Eduarda traz três pessoas como inspiração: sua mãe, seu pai e sua irmã, fazendo a seguinte declaração:

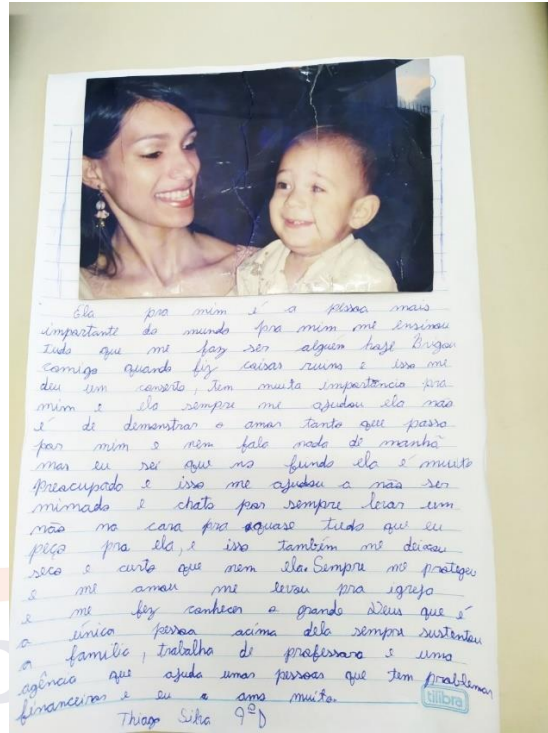
“minha mãe é muito esforçada, trabalha, faz curso, fez faculdade e cuida da casa; meu pai sempre correu atrás dos seus sonhos, por isso hoje tem seu próprio negócio, sua oficina; e minha irmã sempre me alegra e faz eu não querer me matar”¹³⁹

No primeiro relato apresentado, a aluna traz consideração tanto sobre sua pessoa inspiradora, mas também sobre si mesmo, referindo qual sonho. Nesse sentido, o projeto mais uma vez demonstra sua importância em relação ao espaço que proporciona aos estudantes em relação a dar voz às suas expectativas e permiti o autoconhecimento, passo importante para construção de um sujeito em paz consigo.

No segundo trecho relatado, é possível uma reflexão sobre a fala da aluna em relação ao querer se matar. Tal exposição abre caminho para discussões importantes que devem ser pensadas no contexto da escola, visto que, dizem respeito à saúde mental dos alunos, e nesse sentido, a realização dos círculos pode ser um caminho e um meio para que questões como estas sejam trabalhadas, inclusive com a participação de profissionais de outras áreas.

¹³⁹ MARIA EDUARDA FALCÃO RIBEIRO, 9º ANO C

A seguir serão apresentados mais trabalhos e relatos dos alunos em relação à pessoa que mais os inspiram:



Trabalho do estudante Thiago Silva proposto em aula cujo tema “Pessoas Inspiradoras”
UMEF “Reverendo Antônio da Silva Cosmo”, 2021

Na imagem da sequência, o aluno Thiago faz a seguinte descrição em relação à sua mãe:

“Ela pra mim é a pessoa mais importante do mundo pra mim me ensinou tudo que me faz ser alguém hoje. Brigou comigo quando fiz coisas ruins e isso me deu um conserto, tem muita importância pra mim e ela sempre me ajudou ela não é de demonstrar o amor tanto que passa por mim e nem fala nada de manhã, mas eu sei que no fundo ela é muito preocupada e isso me ajudou a não ser mimado e chato por sempre levar um não na cara pra quase tudo que eu peço pra ela, e isso também me deixou seco e curto que nem ela. Sempre me protegeu e me amou, me levou para a igreja e me fez conhecer o grande Deus que é a única pessoa acima dela sempre sustentou a família, trabalha de professora e uma agência que ajuda umas pessoas que tem problemas financeiros e eu amo muito ela”¹⁴⁰.

Na fala do aluno é possível observar que o projeto abriu um espaço para que ele pudesse expressar um pouco de seus sentimentos, bem como demonstrar a influência da família sobre algumas de suas características de personalidade.

Nesse sentido, é importante pensar também quanto a limitação das ações promovidas na UMEF Reverendo Antônio da Silva Cosmo em relação à participação das famílias, principalmente frente sua importância na constituição dos sujeitos e de seus valores. Ainda da

¹⁴⁰ THIAGO SILVA, 9º ANO D.

fala deste aluno podemos observar o destaque em relação à crença religiosa, a qual foi debatida ao longo do trabalho e também está presente na voz do aluno, consistindo em uma temática de grande importância na continuidade das ações, principalmente pelo fato da disciplina de Ensino Religioso ser o espaço para a discussão da diversidade religiosa.

Sobre este contexto, na sequência também será apresentado o relato da aluna Amanda:



Trabalho da estudante Amanda de Almeida proposto em aula cujo tema “Pessoas Inspiradoras”

UMEF “Reverendo Antônio da Silva Cosmo”, 2021

A estudante trouxe como pessoa inspiradora seu padrinho Padre Cícero Machado Ribeiro, descrevendo:

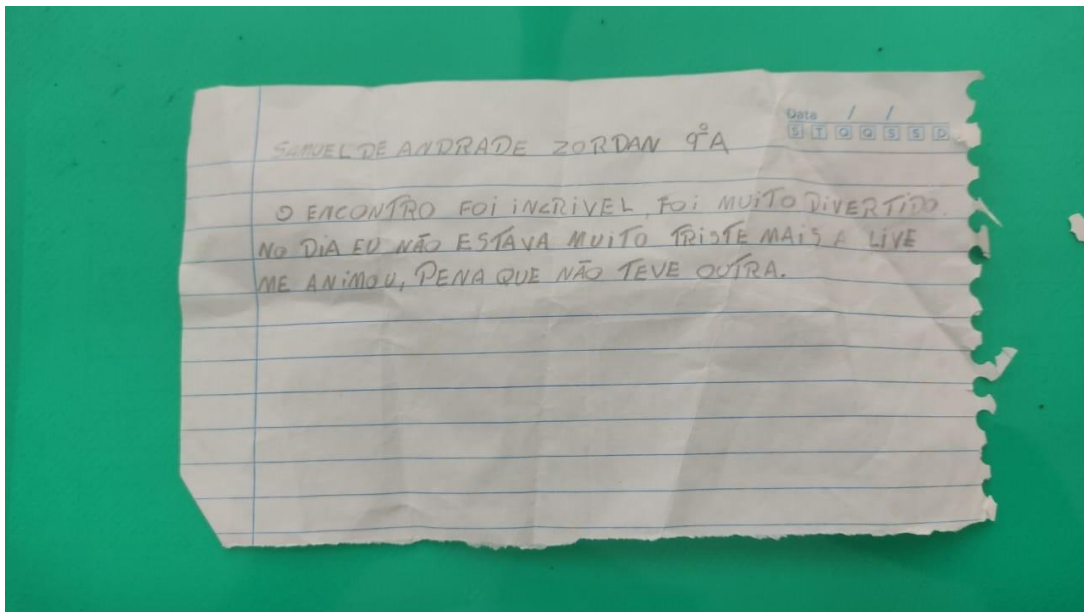
“Além de ser uma pessoa muito importante pra mim, por ser meu padrinho de batismo e segundo o pai pra tudo, ele me inspira em diversas coisas também. [...] Ele sempre me incentivou a ir para a igreja, e hoje em dia eu não preciso que ninguém me fale para ir pra missa, ou ir para adoração, ou pra perseverança ou algo do tipo. [...] Me formei coroinha com 7 anos e depois dei mais um passo em minha vida com 13 anos, virando cerimoniária! Tudo isso eu posso dizer que foi fruto dele e dos meus pais.¹⁴¹

Neste relato mais uma vez é possível identificar a importância de se discutir a diversidade religiosa como dentro da disciplina de Ensino Religioso, o qual também vem de encontro com os pressupostos da Cultura de Paz no sentido de promover um ambiente no qual prevaleça o respeito e a tolerância frente as diferentes culturais e de crença, além de contribuir em relação trocas de conhecimentos sobre a diversidade religiosa no Brasil.

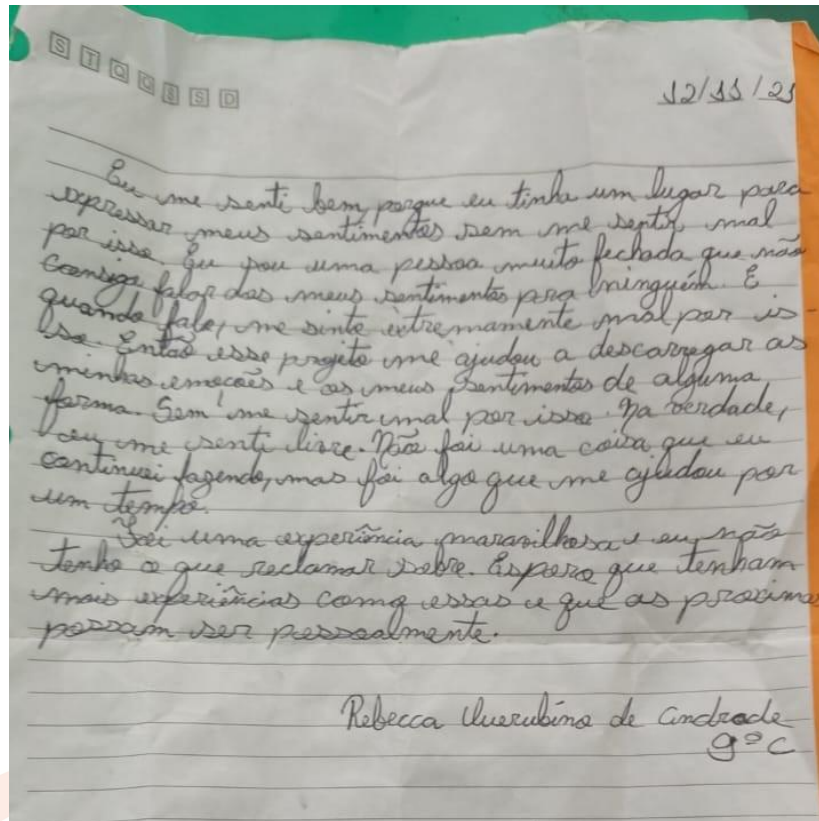
¹⁴¹ AMANDA DE ALMEIDA, 8º ANO C

A última pergunta do questionário buscou evidenciar o desejo dos estudantes em relação a continuidade no projeto, ou seja, a realização de mais círculos de paz em parceria com o Ensino religioso. Neste caso a resposta dos alunos foi unânime: os trinta e três estudantes que responderam a avaliação demonstraram disposição no seguimento da ação e das atividades circular. Sendo assim, mais uma vez é evidenciada a importância da continuidade da experiência de entrelace entre o ensino religioso e a Cultura da Paz, não somente como uma ação pontual, mas como parte de um processo contínuo, que busca a construção de um ambiente permanente de paz, no qual o respeito e o diálogo se sobressaem frente a cultura da violência e onde os jovens tenham um espaço seguro para expressar seus sentimentos e desejos.

Importante ressaltar a seguir dois relatos escritos à mão sobre o final do processo de avaliação da experiência, demonstrando de maneira concreta os alcances positivos das ações realizadas e o anseio pela continuação dos círculos de paz de maneira presencial:



Análise das aulas online do estudante Samuel Andrade Zordan
UMEF “Reverendo Antônio da Silva Cosmo”, 2021



Análise das aulas online da estudante Rebecca Querubino de Andrade

UMEF “Reverendo Antônio da Silva Cosmo”, 2021

Faculdade Unida de Vitória

Reafirmando, a partir da voz dos alunos a importância, da experiência na UMEF Reverendo Antônio da Silva Cosmo as próximas sessões serão dedicadas a exprimir as opiniões em relação ao projeto e a parceria entre Ensino Religioso e a Cultura de Paz a partir da voz dos profissionais da escola e dos pais, promovendo assim discussões amplas em relação a todo o contexto dos sujeitos participantes da pesquisa.

3.3 A parceria entre Ensino Religioso e a Cultura de Paz para os profissionais da escola

Nesta sessão serão levantadas considerações sobre a experiência da parceria entre Ensino Religioso e Cultura de Paz pelo olhar dos profissionais da escola UMEF Reverendo Antônio da Silva Cosmo participantes como também a avaliação destes em relação às ações propostas pelo projeto. Inicialmente será apresentado o perfil dos participantes que se propuseram a responder o questionário de avaliação da experiência,

No total oito professores e quatro pedagogos responderam às questões sendo 03 de trinta e seis a quarenta e cinco anos; 08 de quarenta e seis a cinquenta e cinco anos; e 01 com mais de cinquenta e seis anos. Quanto ao gênero, dos profissionais que se propuseram a responder o

questionário 08 eram mulheres e 04 homens. Sobre o estado civil, 07 referiram ser casados; 03 solteiros e 02 assinalaram a opção outros.

A quarta pergunta do questionário era referente ao tempo de atuação na área educacional de cada participante sendo as respostas: três profissionais entre um e cinco anos; três entre seis e dez anos; cinco entre dez e quinze anos; e um com mais de quinze anos. A partir de tais respostas é possível observar que a maioria dos profissionais participantes da pesquisa já possui uma experiência considerável na educação, com mais de cinco anos de atuação.

A questão seguinte do questionário avaliativo buscou elucidar se os profissionais que participaram da pesquisa já conheciam o trabalho dos(as) facilitadores(as) de Círculos de Paz no município de Vila Velha, e nesse sentido, a resposta afirmativa de todos os participantes pode ser considerada positiva, visto que, para que uma ação possa se tornar mais efetiva é necessário um conhecimento prévio que corrobore com o processo e ofereça o suporte necessário para eventuais percalços.

No caso da presente pesquisa, a compreensão aprofundada em relação aos valores constitutivos da Cultura da Paz contribuiu para que os profissionais da Escola conduzam suas ações voltando-se para a resolução de conflitos a partir de práticas diferenciadas pautadas na mediação, no diálogo e nos princípios da JR fazendo com que o ambiente escolar se torne um espaço de convivência pacífica e de respeito mútuo.

Em consonância com o levantado pela presente pesquisa afirma-se:

Nos últimos anos, os ideais de justiça restaurativa vêm sendo utilizados nas escolas, norteando o caráter interdisciplinar, em face das técnicas de soluções de conflitos que auxiliam na prevenção e diminuição de ações violentas entre alunos. A justiça restaurativa parte da ideia de que as convivências podem ser recuperadas, tendo como base os valores de inclusão, solidariedade e escuta ativa. A justiça restaurativa se revela campo fértil para a melhora nas relações, guiada pela reciprocidade e corresponsabilidade, manifestando-se na prevenção da violência e diminuição dos riscos de vulnerabilidade penal de jovens¹⁴²

Assim sendo, considerando o conhecimento dos profissionais da escola em relação aos princípios abordados pela pesquisa (JR, práticas circulares e Cultura de Paz), acredita-se que as ações realizadas possam contribuir de forma ainda mais efetiva para a continuidade, fundamentando uma cultura que valoriza as práticas de mediação, diálogo e respeito à diversidade dentro do ambiente escolar.

¹⁴² FERREIRA, Sandra Campos. ZANOTELLI, Ana Lúcia. KUZENDORFF, Cátia Novaes. ALMEIDA, Lucymere Abreu. MAZUCO, Maria Catarina Alves. COELHO, Marlen Carla. VENTURA, Roberta Andrade. NASCIMENTO, Valdete Rondelli do. O ensino religioso e a mediação de conflitos na construção de uma cultura de paz. 2021. p. 89175. [online].

Seguindo o contexto acima explorado, a sexta questão foi referente à participação efetiva dos profissionais da escola nos círculos de paz. As respostas alavancaram ainda mais as perspectivas em relação à continuidade das ações visto que, todos os professores já haviam participado de ao menos um círculo de paz, e ainda, assim como a pesquisadora, dois professores já são atuantes como facilitadores.

Nesse sentido, a docência na UMEF “Reverendo Antônio da Silva Cosmo” vem na contramão das práticas tradicionais que estão há tempos enraizadas no fazer pedagógico da maioria das instituições de ensino. Sobre este fato, Helen Jane afirma que construir uma escola inclusiva é um desafio considerando que “com todo o conhecimento do professor, ainda que este se proponha a vencer os obstáculos e se desenvolver cada vez mais como pessoa, será confrontado com questões estruturais presentes no modelo educacional vigente”¹⁴³.

Considerando tais pressupostos a formação continuada do professor é então fundamental principalmente em relação à necessidade de reflexão crítica e constante sobre suas práticas, principalmente frente às mudanças constantes na sociedade, impulsionadas pela globalização, as quais impactam profundamente as relações sociais em todos os contextos, bem como na educação. Assim sendo, os novos paradigmas da sociedade exigem que o professor seja capaz de trabalhar as diferenças de modo a permitir aos seus alunos a construção de um pensamento crítico¹⁴⁴, fato que a experiência e o conhecimento em relação às práticas circulares dos professores participantes da pesquisa contribuem na construção da Cultura da Paz no ambiente escolar em questão.

A pergunta seguinte indagava os profissionais da escola sobre seu julgamento em relação às emoções e sentimentos conversados durante os círculos de paz nas aulas de Ensino Religioso durante a pandemia. As respostas vieram carregadas de elogios em relação à realização do trabalho. Segundo relatos das pedagogas, muitos pais deram uma devolutiva positiva, pois seus filhos sentiram-se acolhidos e “mais leves” após a participação nas práticas circulares, demonstrando assim uma avaliação prospectiva na visão dos profissionais que responderam ao questionário.

Um fato limitante em relação à participação dos alunos nos círculos de paz apontado pelos profissionais (também referida na resposta à pergunta número nove do questionário) foi a falta de acesso à internet de alguns alunos, o que impossibilitou a ida ou permanência nas práticas realizadas *online*. Sobre esta situação, pode-se refletir que as ações propostas na

¹⁴³ PASSERI, Helen Jane. O círculo de paz como instrumento de reflexão de professores na temática da inclusão. 2020. p. 1355.

¹⁴⁴ PASSERI. 2020. p. 220-221.

presente pesquisa se tornaram limitantes no sentido de não permitir a participação completa dos alunos das turmas abrangidas pelo projeto. Ainda, é necessário se pensar sobre os porquês relacionados à falta de acesso à internet por parte de alguns estudantes e como este fato contribui, de certa forma, para a exclusão destes em diversas atividades, não só em relação ao projeto, mas ao próprio ensino, revelando uma problemática vigente na realidade pandêmica e pós pandêmica que se estende por todo território brasileiro.

Sobre este fato Andressa afirma que:

O cenário da educação brasileira na pandemia é de “uma crise dentro da crise” [...] as desigualdades estruturais “emergiram à superfície nesse momento de pandemia”. “As políticas adotadas para a educação, como a implantação de educação remota mediada por tecnologias, foram pensadas de forma alheia a essa desigualdade, sem trazer caminhos de solução dos problemas estruturais. E elas não deram certo” [...] em um momento em que se exige a manutenção dos estudos em casa, estudantes brasileiros convivem com problemas de saneamento e acesso a água e alimentos, ausência de um ambiente de qualidade para estudos e falta de apoio dos pais e responsáveis, que por vezes também não tiveram garantido o direito à educação ou precisam trabalhar em cargas horárias exaustivas¹⁴⁵.

Assim sendo, transpondo tais dificuldades novamente para o contexto da UMEF Reverendo Antônio da Silva Cosmo, as ações futuras devem ser pensadas considerando a problemática da exclusão digital de parte dos estudantes, não só no sentido de participação nos círculos, mas também como uma temática em potencial para a realização destes, revelando tais dificuldades a partir das percepções dos sujeitos, mas também, pensando em possibilidades ativas e potenciais para a sua superação.

Na sequência, alguns professores sugeriram a ampliação das ações que foram construídas nos círculos de paz para as demais turmas da escola, transpondo os encontros para a forma presencial, visto que, estudantes e professores e pedagogas que participaram dos círculos de diálogo online, notaram uma diferença benéfica em relação aos sentimentos observados nos alunos sejam eles de alegria, paz, euforia ao rever os amigos, ou também alívio.

A pergunta número oito era referente ao que mais chamou atenção dos profissionais na realização dos círculos de paz. Esta era uma questão de múltipla escolha, composta dos itens: objeto de fala; saudade dos (as) estudantes(as) das aulas presenciais; escuta ativa; alunos(as) expressando as emoções e sentimentos; e respeito ao sigilo do que foi falado; com espaço para respostas que não se enquadrassem nas opções oferecidas. Na média todos os campos foram marcados, acrescentando-se a apresentação do centro do Círculo (com objetos que fazem referência a eles e ao momento vivido) sendo que os profissionais referiram gostar de poder

¹⁴⁵ PELLANDA, Andressa. *In*: STEVANIN, Luiz Felipe. Exclusão nada remota: Desigualdades sociais e digitais dificultam a garantia do direito à educação na pandemia. 2020. p. 14. [online]

apresentar seus bichinhos de estimação ou membros da família aos alunos e demais participantes dos círculos.

Por fim, quando questionados sobre a culminância do trabalho final, responsável pelo encerramento das ações referentes a experiência entre Ensino Religioso e a Cultura de Paz, mas uma vez houve a avaliação positiva, principalmente devido ao fato de tanto os pedagogos como professores observarem o empenho dos alunos na realização da atividade, fato que denota a importância do projeto e a ressignificação dos sujeitos, que, ao longo do processo tiveram a oportunidade de compartilhar sentimentos e experiências findadas na escolha de alguém que os inspirassem, contribuindo com a construção de um ambiente mais saudável e acolhedor, o qual busca um olhar voltado a si mesmo e ao outro, respeitando e valorizando as diversidades que compõem cada ser.

Enfatizando-se até aqui a positividade das ações realizadas para a fundamentação da Cultura da Paz na UMEF “Reverendo Antônio da Silva Cosmo”, a última sessão deste capítulo está voltada a trazer à luz as percepções das famílias dos participantes, proporcionando o fechamento das discussões permeiam todo o contexto dos alunos.

3.4 A parceria entre Ensino Religioso e a Cultura de Paz na ótica das famílias

A presente sessão destina-se à avaliação da experiência entre o Ensino Religioso e a Cultura de Paz a partir das opiniões das famílias dos estudantes que participaram dos círculos. Responderam ao questionário um total de quatorze pais e/ou responsáveis. Inicia-se aqui a discussão com uma reflexão em relação à participação das famílias no processo, da realização dos círculos à avaliação.

É possível observar um número limitado de resposta por parte dos pais/responsáveis, principalmente frente ao número de estudantes participantes da pesquisa e respondentes do questionário. Uma possível explicação para este fato é que na realização da proposta dos círculos de paz estes sujeitos atuaram como coadjuvantes de seus filhos, ou seja, não tiveram uma participação ativa nos círculos, figurando somente em aparições como a família do aluno participante. Nesse sentido, destaca-se aqui que devido as limitações do projeto, principalmente em relação ao tempo restrito para a realização das ações e a situação pandêmica da época, deu-se a impossibilidade de ampliação da participação das famílias nas práticas circulares.

Considerando o exposto à priori futuras ações podem ser repensadas, considerando não só a participação das famílias como também da comunidade no entorno da escola, seguindo o princípio de que:

Em todas as fases da vida, em especial na infância e na adolescência, os pais são os modelos de identificação para os filhos, da mesma forma que a família o é no que diz respeito às múltiplas formas de interação, sendo responsável pela transmissão social de um sistema de valores a ser incorporado. E, por isso mesmo, os pais e a dinâmica familiar necessitam marcar fortemente os limites. Dependendo do clima em que isto se dá, podem facilitar ou inibir a relação entre construtividade e destrutividade¹⁴⁶.

A partir de tal afirmação, a qual destaca a importância da família na formação dos sujeitos, ampliar a realização dos círculos de forma a integrar os pais dos alunos da escola é parte do processo de construção da Cultura de Paz, de um ambiente de convivência saudável. Proporcionar aos responsáveis esta experiência permite também a ressignificação de suas ações, as quais implicam profundamente na forma como seus filhos constroem sua identidade, tanto no sentido positivo quanto negativo, e sendo assim, plantar sementes que germinem exige também que estas sejam regadas diariamente, em todos os ambientes de convivência dos jovens.

Seguindo com a avaliação da experiência, o perfil dos pais/responsáveis que responderam ao questionário é o seguinte: 04 com idade de vinte e seis a trinta e cinco anos; 06 de trinta e seis a quarenta e cinco anos; 03 de quarenta e seis a cinquenta e cinco anos; e nenhum com mais de cinquenta e seis anos. Quanto ao gênero, 07 eram mulheres e 06 homens. Sobre o estado civil, 07 referiram ser casados; 03 solteiros e 03 assinalaram a opção outros ou não especificado.

As questões seguintes do questionário avaliativo buscaram elucidar se as famílias que participaram da pesquisa já conheciam o trabalho dos(as) facilitadores(as) de Círculos de Paz no município de Vila Velha ou se já haviam participado de alguma prática circular. A resposta foi unânime em relação ao desconhecimento dos responsáveis sobre a temática. Assim sendo, mais uma vez é notável a necessidade de proporcionar a estas famílias o conhecimento em relação aos pressupostos da Cultura de Paz bem como a possibilidade de parceria com o Ensino Religioso e benefícios que esta oferece para seus participantes e seu entorno.

Nesse sentido, é necessário fomentar as discussões sobre a temática, envolvendo as famílias, permitindo que estas compreendam que:

Se a cultura colabora para promover a mudança de estrutura, quem trabalha para a favor da Cultura da Paz tem que fazer uma leitura crítica e contextualizada do presente. O presente aclara as contradições do momento, mas não altera uma civilização de maneira rápida e radical. Quem aceita a Cultura da Paz entende que as mudanças se manifestam de maneiras diferentes e que afetam a todos os componentes da vida social, tanto os visíveis (objetividade) como os invisíveis (subjetividade). A Cultura da Paz exige a crítica e, se necessário, o choque com quem não quer aceitar a alteridade como legítima e válida ¹⁴⁷.

¹⁴⁶ LUZ, Araci Asinelli da. Planejando a Cultura de Paz e a prevenção da violência na escola. 2003. p. 160.

¹⁴⁷ VICENTE, Maximiliano Martins. Cultura(s) da Paz: uma introdução. 2015. p. 17. [online]

Construir nos cidadãos esta noção da amplitude e complexidade envolvida na edificação de uma Cultura da Paz, principalmente em relação a promover em cada ser um pensamento crítico sobre a sociedade refletindo sobre como essa constitui suas relações permite que, passo a passo suas estruturas, ou seja, as formas como ela se organiza no presente sejam aos poucos, modificadas, em busca de um mundo mais convivente, no qual prevalece a igualdade, não no sentido de homogeneização dos sujeitos, mas de justiça social, onde não um ser se sobrepõe ao outro, e a harmonia e o diálogo prevalecem frente a quaisquer conflitos que possam emergir das relações humanas.

Ao longo de todo o processo de estruturação da presente pesquisa, seja nas questões teóricas ou na ação prática realizada na UMEF Reverendo Antônio da Silva Cosmo, foi possível perceber a importância da temática para a construção de uma realidade mais justa. Nesse sentido, apesar de algumas limitações descritas ao longo do caminho, a pesquisa demonstrou grande relevância tanto para a pesquisadora quanto para os sujeitos participantes, podendo render frutos para futuras parcerias, principalmente em relação à ampliação das ações com as demais turmas da escola, unidades escolares do município e também com as famílias dos estudantes.

Sendo assim, a seguir serão apresentadas as conclusões como meio de fechamento do estudo “O Ensino Religioso e a Cultura de Paz: uma vivência dos círculos de paz no ambiente escolar de tempo integral”.

CONCLUSÃO

A realização dos círculos de diálogos a partir das aulas de ensino religioso na escola de tempo integral foi frutífera pois apresentou de forma diferenciada e lúdica, outra forma de ensino-aprendizagem. A própria dinâmica circular de escutar e dialogar sobre temas propostos nas aulas, fortaleceu os vínculos entre os estudantes, aguçou o conhecimento dos alunos e alunas sobre os conteúdos apresentados da grade curricular do componente ensino religioso.

Durante as aulas, diversos aspectos foram percebidos: o aprimoramento do senso de comunidade, as resoluções nas situações cotidianas dentro e fora do espaço escolar e também ocorreu o desenvolvimento de escuta ativa e conversação como ferramentas de solução pacífica de conflitos. Além disso, a concretização do projeto, o qual ocorreu primordialmente de forma online, resultou no fortalecimento de vínculos familiares, aprendizado e maturidade para resolver situações cotidianas, desenvolvimento da escuta ativa e da conversação como ferramentas para atravessar este momento atual de pandemia mundial.

Sendo assim, é possível afirmar que a experiência foi positiva principalmente a partir dos relatos descritos a partir do processo de avaliação do projeto. Em relação aos participantes da comunidade escolar, os estudantes relataram desconhecer inicialmente a dinâmica dos círculos de paz. Contudo, ao perceber ser a uma ferramenta de diálogo em espaço seguro, muitos estudantes apontaram que gostariam que as aulas de ensino religioso, assim como, se possível, outras disciplinas, utilizassem dos círculos de diálogos como técnica de ensino-aprendizagem.

Os profissionais da escola e os pais, referiram a potencialidade das ações na construção de um ambiente de diálogo e respeito à diversidade principalmente a partir da valorização dos sujeitos, elogiaram a ferramenta dos círculos de diálogo como técnica de ensino-aprendizagem dos conteúdos propostos e relataram que os estudantes puderam encontrar um espaço para a escuta, no qual puderam demonstrar seus sentimentos, aprendizagens e anseios em relação ao futuro.

As principais limitações da pesquisa foram em relação ao tempo restrito de aplicação da proposta e das ações, ou seja, a realização dos círculos com poucas turmas da escola; a dificuldade emanada pela necessidade de encontros exclusivos pela modalidade online, excluindo assim alguns estudantes que poderiam participar mas por problemas resultantes da falta de internet ou de equipamentos básicos ou até mesmo por pela própria situação atípica da pandemia, com familiares e pessoas próximas acometidas pelo COVID-19; e restrição em relação à participação dos pais e comunidade.

Nesse sentido, abrem-se portas efetivas para a construção de novas práticas e ações no contexto aqui apresentado, favorecendo a busca pela estruturação de uma Cultura de Paz, por meio dos círculos de paz que amplie, persista e gere frutos para as futuras gerações, sempre num ideário de construção efetiva do estudante na construção do conhecimento e da sua cidadania.



REFERÊNCIAS

- AFFONSO, Luciane Marina Zimerman; CANFIELD, Ráisa Lammel; MÖBS, Adriane da Silva Machado; SANTOS, Valter Borges dos; SILVA, Itala Daniela da. *Políticas Educacionais e Base Nacional Comum Curricular de Ensino Religioso*. Porto Alegre: SAGAH, 2021.
- AHNERT, Elorania Kellis. Educação e religião: as manifestações religiosas no ambiente escolar e a construção de uma cultura de paz. Tese Mestrado em Ciências da Religião. Faculdade Unida de Vitória. Vitória 2021
- AMARAL, Diana Elizabette Lima do; RAMOS, Jeannette Filomeno Pouchain. Mediação de conflitos no ambiente escolar para promover a cultura de paz. *Conhecer: debate entre o público e o privado*, v. 8, n. 21, p. 24-44, 2018.
- ARAGÃO, Gilbraz de Souza. Dos magistérios eclesiásticos para os magistérios acadêmicos. In: MARANHÃO, Fº. Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). *O ensino religioso na prática*. Florianópolis: AMAR; FOGO, 2021.
- BAPTISTA, Paulo Agostinho N. Ensino Religioso: de volta para o futuro. In: MARANHÃO, Fº. Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). *O ensino religioso na prática*. Florianópolis: AMAR; FOGO, 2021, pp. 19-23.
- BARRY, John M. A Grande Gripe. *A história da gripe espanhola: a pandemia mais mortal de todos os tempos*. São Paulo: Intrínseca. 2020.
- BASTOS, Ana C. S. Prefácio. In: MILANI, Feizi Masrour; JESUS, Rita de C. D. P. (Orgs.). *Cultura de Paz: Estratégias, Mapas e Bússolas*. Salvador: INPAZ, 2003.
- BICALHO, M. *Cultura de Paz: Convivência e cultura de paz*. In: PARANÁ. Os desafios da Escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. *Cadernos PDE*, v. 1. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uepg_ped_artigo_adriano_do_nascimento.pdf. Acesso em: 07 jan. 2022.
- BOONEN, Petronella Maria. *A justiça restaurativa: um desafio para a educação*. Dissertação (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- BOYES-WATSON, Carolyn PRANIS, Kay. *No coração da esperança: guia de práticas circulares: o uso de círculos de construção da paz para desenvolver a inteligência emocional, promover a cura e construir relacionamentos saudáveis*. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, Departamento de Artes Gráficas, 2011.
- BRASIL. *Lei n. 13.663, de 14 de maio de 2018*. Altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino. Brasília: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13663.htm. Acesso em: 19 jan. 2022.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 16 jan. 2022.

CARMO, Milena Mateuzi; TAVARES, Alessandra. BHERING, Márcio. BRITO, Mariana. *Sujeitos, frutos e percursos*: Projeto jovens facilitadores de práticas restaurativas. Campo Limpo: Centro de Direitos Humanos e Educação Popular do Campo Limpo, 2018.

DELORS, Jacques. *Educação: Um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

DUPRET, Leila. *Cultura de paz e ações socioeducativas*: desafios para a escola contemporânea. 2002. p. 91. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 6, n. 1, p. 91-96, 2002.

EVANS, Katerine; VAANDERING, Doroty. *Justiça restaurativa na educação*. São Paulo: Palas Athena, 2018.

FERREIRA, Sandra Campos, O componente curricular ensino religioso, a mediação de conflitos e a construção de uma cultura de paz. Tese Mestrado em Ciências da Religião. Faculdade Unida de Vitória. Vitória 2021

GAIGHER, Elorania Kellis Ahnert. *Educação e religião: as manifestações religiosas no ambiente escolar e a construção de uma cultura de paz*.: Do Autor, 2018. 91 p.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. O ensino religioso nas escolas públicas do Brasil: discurso e poder frente ao pluralismo religioso. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 5, n. 16, p. 121-145, 2005.

GOMES, Suzana dos Santos. A paz na escola é tarefa interdisciplinar. São Paulo, Paulinas, v. 11, n. 41, p. 40-42, 2006.

GONÇALVES, Alexsandra; DELGADO, Sueli A. P. *O Ensino Religioso nas Escolas do Brasil*: um olhar sensível na Escola Pública. *Revista Acadêmica Online*, v. 6, n. 31, 2020.

GUERRA, Elaine L. A. *Manual de pesquisa qualitativa*. Belo Horizonte: Grupo ANIMA Educação, 2014.

HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. Campo religioso brasileiro e História do Tempo Presente. *Revista Brasileira de História das Religiões*, São Paulo, v. 1, n. 3, 2009.

JAYME, Fernando Gonzaga; ARAÚJO, Mayara de Carvalho. *Justiça Restaurativa na escola*: formando cidadãos por meio do diálogo e da convivência participativa. Belo Horizonte: Comissão de Justiça e Práticas Restaurativas do Fórum Permanente do Sistema de Atendimento Socioeducativo de Belo Horizonte, 2018.

LUCAS, Lílian Schwanz; ALVIN, Antônio; PORTO, Deisy Mendes; SILVA, Antônio Geraldo; PINHEIRO, Mayra Izabel Correia. Impactos da pandemia de covid-19 na saúde mental de crianças e adolescentes: Orientações do departamento de psiquiatria da infância e adolescência da Associação Brasileira de Psiquiatria. *Debates em Psiquiatria*, v. 10, n. 2, p. 74-78, 2020.

MACÊDO, Rosa Maria de Almeida. *Juventudes, cultura de paz na escola: transformando possibilidades em realidade*. Dissertação (Doutorado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

MARTINELLI, Marilu. *Conversando sobre educação em valores humanos*. Rio de Janeiro: Fundação Peirópolis, 2006.

MARTINS, Nathália Ferreira de Sousa. A diversidade religiosa e a laicidade no Brasil: questões sobre o ensino religioso escolar. *Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da UFJF*, v. 14, n. 1, p. 110-124, 2017.

MILANI, Feizi Masrour; JESUS, Rita de C. D. P. *Cultura de Paz: Estratégias, Mapas e Bússolas*. Salvador: INPAZ, 2003.

MORENO, Ciriaco Izquierdo. *Educar em valores*. 3. ed. São Paulo: Editora Paulinas, 2005.

NUNES, Antônio Ozório. *Como restaurar a paz nas escolas: Um guia para educadores*. São Paulo: Contexto, 2011.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz*. 1999. [online]

PARANÁ. *Apostila de facilitadores de processos circulares do NUPIA-MPPR*. Curitiba: Ministério Público do Paraná, 2020.

PEREIRA, Adriana S; SHITSUKA, Dorlivete M.; PARREIRA, Fábio J.; SHITSUKA, Ricardo. *Metodologia da Pesquisa Científica*. Santa Maria: UFSM, NTE, 2018.

PEREIRA, Júnia Sales; MIRANDA, Sônia Regina. Laicização e Intolerância Religiosa: desafios para a História ensinada. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 99-120, 2017.

PRANIS, Kay. *Processos circulares*. São Paulo: Palas Athenas, 2010.

RIBEIRO, Resicléia Moreira. O ensino religioso e suas contribuições a favor de uma cultura de paz e de tolerância religiosa em uma escola pública de Goiânia/go Tese Mestrado em Ciências da Religião. Faculdade Unida de Vitória. Vitória 2021

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. RIBEIRO, Maria Teresa de Moura; TUNICE, Lúcio Mauro da Cruz. A Influência da Cultura e do Clima Escolar na construção e fortalecimento da Cultura de Paz. *Revista Educação, Cultura e Comunicação*, v. 9, n. 17, p. 309-320, 2018.

SCHIRCH, Lisa. *Construção estratégica de paz*. São Paulo: Palas Athena, 2019.

STRECK, Gisela Waechter. O Ensino Religioso e a diversidade religiosa no Brasil: Desafios para a educação. *Revista Pistis Praxis*, v. 4, n. 1, p. 262-276, 2012.

TOSTES, Patrícia da Silva Gouvêa. Ensino Religioso e a Diversidade Religiosa: Perspectivas n Município de Vila Velha/ES. In: PURIFICAÇÃO, Marcelo Máximo; RIBEIRO, Vagno Batista; PEREIRA, Vanessa Alves (orgs.). *Teologia, Política e Religião*. Ponta Grossa: Atena, 2020.

UMEF REV. ANTONIO DA SILVA COSMO. *Censo Escolar*. 2021. In: QEDU. Disponível em: <https://novo.qedu.org.br/escola/32100000-umef-rev-antonio-da-silva-cosmo>. Acesso em: 04 jan. 2022.

VIEIRA, Victor Barão Freire. *Um estudo sobre o percurso formativo das Escolas de Perdão e Reconciliação (ESPERE) e os fundamentos para uma justiça restaurativa*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.



APÊNDICE A1: PRIMEIRO ROTEIRO DO PROJETO RENOVANDO O VIVER NA VILA
UMEF "REVERENDO ANTÔNIO DA SILVA COSMO"

Atividades não presenciais

NOME: _____ **TURMA:** 7º ano

PROFESSOR: Carolina Soares **DISCIPLINA:** Ensino Religioso

Boa tarde meus amores e amoras,
 Vocês estão bem?

Nesta aula você não precisará anexar nada a atividade mas ao terminar, clique em concluído e pronto!

Qualquer dúvida estou a disposição aqui na plataforma.

Projeto Renovando o viver na vila

Desde o período em que foi decretado a suspensão das aulas com o objetivo de evitar aglomerações e impedir o avanço do corona vírus (Covid-19), tivemos a preocupação por meio dos decretos estaduais e municipais, de não estarmos mais no ambiente escolar

Esse projeto é um convite da pedagoga Veruska e da professora Carolina para os alunos escrevam um diário, respondendo ao roteiro proposto, como forma de trabalhar valores e sentimentos vividos nesse período de pandemia. O objetivo é no final deste mês, consigamos fazer uma reunião online, para conversar sobre essa experiência, através da plataforma Zoom.

- O trabalho terá duração de 3 SEMANAS! A cada semana, postarei um roteiro para os respectivos dias
- Fique à vontade para responder as perguntas em forma de texto. Coloque a data todos os dias e para escrever, escolha um momento do dia onde você pode ter silêncio e possa estar confortável
- Somente a professora terá acesso aos diários no fim do projeto.
- Não haverá atribuição de pontos a atividade.
- Você pode alternar com desenhos ou colagens para responder as perguntas.
- A ideia aqui é fazermos um diário. Você poderá usar um outro caderno que não use mais ou poderá fazer no caderno de ensino religioso mesmo.

ROTEIRO

Data 05/10/2020 - Encape seu diário (você pode utilizar os materiais que estão no kit ou usar alguns que tenha em casa). Não esqueça de colocar sua SÉRIE e seu NOME COMPLETO (você pode acrescentar um apelido que goste)

Data 06/10/2020 - Como estou me sentindo agora?

Qual minha impressão dessa semana inicial ao escrever o diário?

Data 07/10/2020 - Quais são alguns de seus heróis? Por que são seus heróis?

Se você pudesse ser um super-herói, que superpoderes você escolheria e por quê?

Data 08/10/2020 - Compartilhe uma lembrança feliz de sua infância.

Com que você sonhava quando você era uma criança pequena?

O que você gostaria que não mudasse em sua vida?

Dia 09/10/2020 - Qual foi a coisa mais difícil ou de maior desafio que lhe aconteceu nesta semana?

O que estou sentindo em relação a escrever no diário, ao fim desta semana?

Comece onde você está

Use o que você tem

E faça o que você pode

frasescurtas.com.br

Arthur Ashe (1943 - 1993)

APÊNDICE A2: SEGUNDO ROTEIRO DO PROJETO RENOVANDO O VIVER NA VILA
UMEF "REVERENDO ANTÔNIO DA SILVA COSMO"

Atividades não presenciais

NOME: _____ **TURMA:** 7º ano

PROFESSOR: Carolina Soares **DISCIPLINA:** Ensino Religioso

Boa tarde meus amores e amoras,
 Vocês estão bem?

Nesta aula você não precisará anexar nada a atividade mas ao terminar, clique em concluído e pronto!

Qualquer dúvida estou a disposição aqui na plataforma.

Projeto Renovando o viver na vila

Desde o período em que foi decretado a suspensão das aulas com o objetivo de evitar aglomerações e impedir o avanço do corona vírus (Covid-19), tivemos a preocupação por meio dos decretos estaduais e municipais, de não estarmos mais no ambiente escolar

Esse projeto é um convite da pedagoga Veruska e da professora Carolina para os alunos escrevam um diário, respondendo ao roteiro proposto, como forma de trabalhar valores e sentimentos vividos nesse período de pandemia. O objetivo é no final deste mês, consigamos fazer uma reunião online, para conversar sobre essa experiência, através da plataforma Zoom.

- O trabalho terá duração de 3 SEMANAS! A cada semana, postarei um roteiro para os respectivos dias
- Fique à vontade para responder as perguntas em forma de texto. Coloque a data todos os dias e para escrever, escolha um momento do dia onde você pode ter silêncio e possa estar confortável
- Somente a professora terá acesso aos diários no fim do projeto.
- Não haverá atribuição de pontos a atividade.
- Você pode alternar com desenhos ou colagens para responder as perguntas.
- A ideia aqui é fazermos um diário. Você poderá usar um outro caderno que não use mais ou poderá fazer no caderno de ensino religioso mesmo.

ROTEIRO

Dia 12/10/2020 - Qual humor eu começo esta nova semana?

Escreva o que mais valoriza em sua família? Por quê?

Escreva o que mais valoriza em você? Por quê?

Dia 13/10/2020 - Pelo que você é grato? Por quê?

Escreva sobre alguma coisa que você quer muito e alguma coisa que você precisa. Você consegue identificar alguma diferença entre elas? Porque?

Dia 14/10/2020 - Qual é a sua paixão?

O que lhe emociona?

O que lhe dá esperança?

O que demonstra respeito?

O que você faz que lhe dá maior prazer? O que você faz que lhe dá mais satisfação?

Dia 15/10/2020 - Escreva uma coisa que assustava você. Como você lidou com isso?

Escreva alguma coisa que te deixava bravo(a). Como você lidou com isso?

Dia 16/10/2020 - Escreva uma coisa ou situação boa que ocorreu hoje.

O que estou sentindo em relação a escrever no diário, ao fim desta semana?

APÊNDICE A3: TERCEIRO ROTEIRO DO PROJETO RENOVANDO O VIVER NA VILA
UMEF "REVERENDO ANTÔNIO DA SILVA COSMO"

Atividades não presenciais

NOME: _____ **TURMA:** 7º ano

PROFESSOR: Carolina Soares **DISCIPLINA:** Ensino Religioso

Boa tarde meus amores e amoras,
 Vocês estão bem?

Nesta aula você não precisará anexar nada a atividade mas ao terminar, clique em concluído e pronto!

Qualquer dúvida estou a disposição aqui na plataforma.

Projeto Renovando o viver na vila

Desde o período em que foi decretado a suspensão das aulas com o objetivo de evitar aglomerações e impedir o avanço do corona vírus (Covid-19), tivemos a preocupação por meio dos decretos estaduais e municipais, de não estarmos mais no ambiente escolar

Esse projeto é um convite da pedagoga Veruska e da professora Carolina para os alunos escrevam um diário, respondendo ao roteiro proposto, como forma de trabalhar valores e sentimentos vividos nesse período de pandemia. O objetivo é no final deste mês, consigamos fazer uma reunião online, para conversar sobre essa experiência, através da plataforma Zoom.

- O trabalho terá duração de 3 SEMANAS! A cada semana, postarei um roteiro para os respectivos dias
- Fique à vontade para responder as perguntas em forma de texto. Coloque a data todos os dias e para escrever, escolha um momento do dia onde você pode ter silêncio e possa estar confortável
- Somente a professora terá acesso aos diários no fim do projeto.
- Não haverá atribuição de pontos a atividade.
- Você pode alternar com desenhos ou colagens para responder as perguntas.
- A ideia aqui é fazermos um diário. Você poderá usar um outro caderno que não use mais ou poderá fazer no caderno de ensino religioso mesmo.

ROTEIRO

Dia 26/10/2020 - Com qual humor você está iniciando esta semana?

Feche os olhos e se imagine daqui a dez anos. Agora escreva: onde você está? O que você está fazendo? Que pessoa é mais importante para você? Descreva-a

Dia 27/10/2020 - Que objetivo você tem para você mesmo? Como você vai celebrar quando o alcançar?

Quando você está sendo humano, o melhor que você pode ser, o que você é?

Dia 28/10/2020 - O que lhe sustenta durante tempos difíceis?

Qual valor eu tenho me apoiado neste momento de pandemia? O que me motiva?

Dia 29/10/2020 - Qual aprendizado atualmente você tem se dedicado neste ponto da sua vida?

Se você pudesse ir para qualquer lugar no mundo, para onde você iria? Por quê?

Dia 30/10/2020 - Escreva uma coisa ou situação boa que ocorreu hoje.

Qual mensagem eu já aprendi nesse período de isolamento social?

O que estou sentindo em relação a escrever no diário, ao fim desta semana?



APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “O ensino religioso e a cultura de paz: uma vivência dos círculos de paz durante a pandemia no ambiente escolar de tempo integral”, cujo tema central é a educação para a paz. De modo mais preciso, avaliar a introdução dos Círculos de Paz, realizados de forma online, com caráter vivencial e complementar à abordagem reflexiva sobre os temas no Ensino Religioso e no mundo pandêmico.

Esse documento possui todas as informações necessárias sobre a pesquisa que está sendo realizada. Sua colaboração neste estudo é muito importante, mas a decisão em participar deve ser sua. Para tanto, leia atentamente as informações abaixo e não se apresse em decidir. Se você não concordar em participar ou quiser desistir em qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você. Se você concordar em participar basta assinar essa declaração concordando com a pesquisa. Se você tiver alguma dúvida pode esclarecê-la com as responsáveis pela pesquisa. Para participar da pesquisa você terá que responder a um questionário contendo algumas perguntas abertas e fechadas avaliando os Círculos de Paz online. As respostas serão digitadas e analisadas e os pesquisadores envolvidos no projeto conhecerão esse material para discutir os resultados.

Todos os procedimentos para a garantia da confidencialidade aos participantes serão observados, procurando-se evitar descrever informações que possam lhe comprometer. O benefício esperado com a pesquisa será compreender os benefícios que a realização dos círculos de paz durante as aulas online de Ensino Religioso para os(as) estudantes, pais e/ou responsáveis, pedagogas e professores(as).

Diante dessas explicações você acha que está suficientemente informado(a) a respeito da pesquisa que será realizada e concorda de livre e espontânea vontade em participar, como colaborador, marque a opção sim e coloque seu e-mail no local indicado para ter acesso às perguntas. Caso você possua perguntas preliminares sobre o estudo, informar a pesquisadora Carolina Soares Costa.

APÊNDICE C1: QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA ENTRE ENSINO RELIGIOSO E CULTURA DE PAZ

Para os(as) estudantes:

1. Marque a opção que melhor caracteriza a sua faixa etária:

- () 11 anos
 () 12 anos
 () 13 anos
 () 14 anos
 () Mais de 15 anos

2. Qual o seu gênero?

- () Masculino
 () Feminino
 () Prefere não especificar
 () Outro: _____

3. Como você e sua família lidou com o início da pandemia do COVID-19?

4. Quais sentimentos você mais sentiu no princípio da pandemia? (poderá marcar mais de uma)

- () Medo
 () Solidão
 () Tédio
 () Tristeza
 () Pânico
 () Melancolia
 () Outros. Quais? _____

5. Sobre as aulas de Ensino Religioso antes do formato “online”:

- () Eram razoáveis

- () Eram boas
- () não faziam diferença
- () Outros: _____

6. O que mais te chamou atenção na realização dos círculos de paz? (poderá marcar mais de uma)

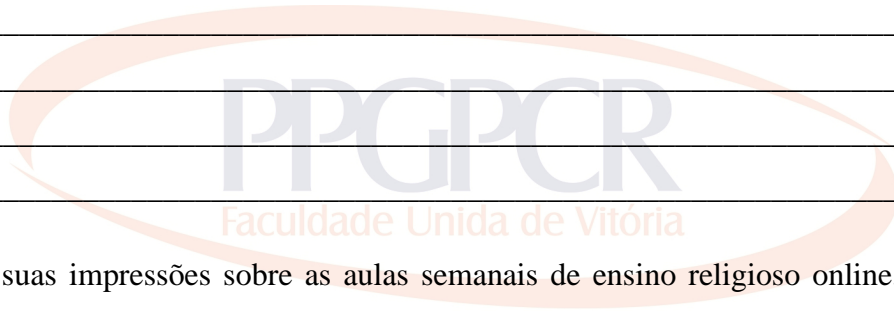
- () O objeto de fala
- () Rever meus amigos(as), mesmo que online
- () passar o tempo
- () Me senti seguro(a) para expressar minhas emoções
- () Relatar o que estava sentindo naquele momento
- () Outro. Quais? _____

7. Quais temas você julgou importante serem abordados durante as aulas de Ensino religioso?

8. Quais suas impressões sobre as aulas semanais de ensino religioso online, no formato de círculos de paz?

9. Em relação ao trabalho final (já no formato presencial), quais sentimentos foram envolvidos para que fosse selecionado uma pessoa inspiradora em sua vida?

10. Você gostaria que tivesse mais Círculos de Paz nas aulas de Ensino religioso? Porque?



APÊNDICE C2: QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA ENTRE ENSINO RELIGIOSO E CULTURA DE PAZ DESTINADO AOS PAIS/RESPONSÁVEIS E PROFISSIONAIS DA ESCOLA

Para os pais/responsáveis, para as pedagogas e para os(as) professores(as)

1 - Qual o seu estado civil?

- Casado(a)
 Solteiro(a)
 Prefere não especificar
 Outro: _____

02 - Qual o seu gênero?

- Masculino
 Feminino
 Prefere não especificar
 Outro: _____

3 - Marque a opção que melhor caracteriza a sua faixa etária: *

- 18 a 25 anos
 26 a 35 anos
 36 a 45 anos
 46 a 55 anos
 mais de 56

4 - Marque a opção que melhor descreve seu tempo de atuação na educação:

- Menos de um ano
 Entre 1 e 5 anos
 Entre 6 e 10 anos
 Entre 10 e 15 anos
 Mais de 15 anos

5. Você conhecia o trabalho dos(as) facilitadores(as) de Círculos de Paz no município de Vila Velha?

- Sim
 Não

6. Caso tenha respondido sim na questão anterior, já participou de algum Círculo de Paz?

- Sim
 Não

7. Sobre as emoções e sentimentos conversados durante os círculos de paz nas aulas de Ensino Religioso durante a pandemia, você julgou benéfico? Porque?

8. O que mais te chamou atenção na realização dos círculos de paz? (poderá marcar mais de uma)

- O objeto de fala
- A saudade dos (as) estudantes(as) das aulas presenciais
- A escuta ativa
- Os(as) alunos(as) expressando as emoções e sentimentos
- O respeito ao sigilo do que foi falado
- Outro. Quais? _____

9. Do que foi acompanhado, o que você achou sobre os círculos de paz durante as aulas online?

10. Da culminância dos círculos de paz, cujo tema foi “Pessoas que me inspiro”, qual sua avaliação?

APÊNDICE C3:

Segue abaixo o link de acesso aos questionários respondidos pelos estudantes, pais e docentes da escola

<https://drive.google.com/drive/folders/1Bbw94t5YMmXJZqcGdYYrVu0YvYICHZWN>

